

O ensino de
**COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS
E DE ESTÍMULO À INOVAÇÃO**
no ensino superior

André Luiz Leite Ferreira



Competências
Empreendedoras



Estímulo
à Inovação

O ensino de
**COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS
E DE ESTÍMULO À INOVAÇÃO**
no ensino superior

André Luiz Leite Ferreira



Competências
Empreendedoras



Estímulo
à Inovação

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof^a Dr^a Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^a Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof^a Dr^a Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof^a Dr^a Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^a Dr^a Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^a Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^a Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^a Dr^a Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProf^a Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 aProf^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^a Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

O ensino de competências empreendedoras e de estímulo à inovação no ensino superior

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: André Luiz Leite Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
F383	<p>Ferreira, André Luiz Leite O ensino de competências empreendedoras e de estímulo à inovação no ensino superior / André Luiz Leite Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1359-2 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.592230205</p> <p>1. Empreendedorismo - Estudo e ensino. 2. Ensino superior. I. Ferreira, André Luiz Leite. II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 658.42</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Glórias a DEUS! A ELE a sejam dadas toda HONRA, toda GLÓRIA, todo LOUVOR e toda ADORAÇÃO!

Agradeço a DEUS pela oportunidade de desenvolver minha investigação de pós-doutorado no Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) – Universidade de Coimbra, por me acompanhar ao longo de toda esta jornada, dando-me sabedoria, inspiração, força, descanso... e principalmente por colocar como “minha colaboradora” a Professora Doutora Cristina Maria Pinto Albuquerque, pela calma, paciência, educação e carinho na condução deste trabalho, tornando-se uma amiga para toda a vida.

À Mônica Cristina Souza de Oliveira Ferreira, minha esposa, mulher virtuosa que orou e jejuou incessantemente por esta vitória que também é dela!

Aos meus filhos, André Rúben de Oliveira Ferreira e Mateus Benjamim de Oliveira Ferreira, meus amores, heranças benditas do Senhor que juntamente com a mãe deles “atravessaram o oceano”, trocaram o calor pelo frio... para me acompanharem nesta etapa.

À equipe do CEIS20 nas pessoas do Professor Doutor António Rochette Cordeiro e da Doutora Marlene Taveira.

Ao Professor Doutor Renato Anunciação Filho, reitor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia por permitir o meu afastamento para a realização desta investigação.

Agradeço aos meus pais, Antônio Jorge de Oliveira Ferreira e Noeme Leite Ferreira, pelos valores e experiências de vida que contribuíram para a formação da minha personalidade.

LISTA DE SIGLAS	1
RESUMO	3
ABSTRACT	4
DADOS DO PÓS-DOCTORAMENTO.....	5
Tema.....	5
Supervisora da Investigação	5
Instituição de Execução da Investigação	5
Período de realização	5
Dados do pós-doutorando	5
Dados da orientadora	6
INTRODUÇÃO	7
ENQUADRAMENTO E PERTINÊNCIA DO OBJETO DE ESTUDO DO PÓS-DOCTORADO	10
A INVESTIGAÇÃO.....	18
Revisão da Literatura	18
Contextualização	23
Brasil	23
Portugal.....	24
Metodologia.....	25
Objectivos da Pesquisa	29
Objectivos da investigação	29
RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
P01 – Perfil dos discentes.....	30
P02 – Atitudes Empreendedoras dos discentes	33
P03 – Competências Empreendedoras e Formação	38
Apresentações e publicações	47
Congresso Internacional “Border Crossings: Territórios e Fronteiras em Investigação”	47

CIEM 2019 – 9.ª Conferência Ibérica de Empreendedorismo	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	52
Considerações finais.....	52
Trabalhos futuros.....	52
REFERÊNCIAS	54
SOBRE O AUTOR	59

LISTA DE SIGLAS

CEIS20	–	Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX.
CICS.NOVA Nova de Lisboa	–	Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa
DE	–	Dedicação Exclusiva
DGIDC	–	Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação
DITS	–	Divisão de Inovação e Transferências de Saber
EBTT	–	Ensino Básico, Técnico e Tecnológico
EC	–	<i>European Commission</i>
EUA	–	Estados Unidos da América
EURYDICE	–	<i>Entrepreneurship Education at School in Europe</i>
FCDEF	–	Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física
FCTUC	–	Faculdade de Ciências e Tecnologia
FDUC	–	Faculdade de Direito
FEUC	–	Faculdade de Economia
FFUC	–	Faculdade de Farmácia
FLUC	–	Faculdade de Letras
FMUC	–	Faculdade de Medicina
FPCE	–	Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
GEM	–	<i>Global Entrepreneurship Monitor</i>
IES	–	Instituição de Ensino Superior
IFBA	–	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
IPC	–	Instituto Politécnico de Coimbra
IPL	–	Instituto Politécnico de Leiria
MIT	–	<i>Massachusetts Institute of Technology</i>
OCDE	–	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico
ODS	–	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ONU	–	Organização das Nações Unidas
PIN	–	<i>Poli Entrepreneurship Innovation Network</i>
P&D&I	–	Pesquisa e Desenvolvimento e Inovação
STVP	–	<i>Stanford Technology Ventures Program</i>
UC	–	Universidade de Coimbra
UFBA	–	Universidade Federal da Bahia
UFPE	–	Universidade Federal de Pernambuco
UFSCar	–	Universidade Federal de São Carlos
UNIFACS	–	Universidade Salvador

RESUMO

Esta investigação considera que a educação para o empreendedorismo tem alimentado, nas últimas décadas, importantes debates e contribuído para a geração de inovação e de avanços tecnológicos e sociais. No entanto, a associação entre educação superior e uma determinada orientação para a construção de competências utilitárias ou funcionais - que uma dada perspectiva de empreendedorismo pode comportar - não deixa de enquadrar diversos eixos de problematização e discussão crítica. Ela encontra-se alicerçada na literatura existente que explora as características psicológicas de um empreendedor, notadamente Hian Chye Koh (Koh, 1996) e Mark Parkinson (Parkinson, 2006). Trata-se de uma Pesquisa Descritiva, de enfoque predominantemente quantitativo, portanto foi adotada a aplicação de questionário como técnica de pesquisa. Esta investigação proporcionou o início de uma pesquisa no âmbito da Universidade de Coimbra sob as seguintes perspectivas: 1) Perfil dos discentes, 2) Atitudes Empreendedoras dos discentes (avaliar o potencial empreendedor dos indivíduos) e 3) Competências Empreendedoras e Formação (verificar se a instituição de ensino tem estimulado/auxiliado seus estudantes no desenvolvimento de competências empreendedoras e de inovação). Para o estudo diagnóstico foram adotadas duas escalas: a primeira – *Entrepreneurial Potencial Indicator* – que permitirá avaliar o potencial empreendedor do indivíduo e que já foi validada para o contexto português (Ferreira *et al.*, 2009); a segunda, construída pelos autores deste estudo, que permitirá avaliar as competências empreendedoras no quadro do ensino. Esta segunda escala construída a partir dos contributos de Martin Lackéus (2015). Os resultados do pré-teste dessa investigação associados às teorias utilizadas indicaram, entre outras coisas que: mais de metade dos inquiridos apresentou competências empreendedoras (76,62%) dos 77 respondentes são propensos ao empreendedorismo, praticamente metade deles (49,13%) se autopercebem com Habilidades de empreendedor, enquanto (41,88%) com Atitudes de empreendedor.

PALAVRAS-CHAVE: Empreendedorismo, Inovação, Educação Superior, Competências, Ensino.

ABSTRACT

This investigation considers that education for entrepreneurship has fueled, in recent decades, important debates and contributed to the generation of innovation and technological and social advances. However, the association between higher education and a certain orientation for the construction of utilitarian or functional competences - which a given perspective of entrepreneurship may include - does not fail to frame several axes of problematization and critical discussion. It is based on the existing literature that explores the psychological characteristics of an entrepreneur, notably Hian Chye Koh (Koh, 1996) and Mark Parkinson (Parkinson, 2006). This is a Descriptive Research, with a predominantly quantitative focus, so the questionnaire was adopted as a research technique. This investigation provided the beginning of a research within the University of Coimbra under the following perspectives: 1) Profile of students, 2) Entrepreneurial Attitudes of students (assessing the entrepreneurial potential of individuals) and 3) Entrepreneurial Skills and Training (check if the educational institution has stimulated / assisted its students in the development of entrepreneurial and innovation skills). For the diagnostic study, two scales were adopted: the first - Entrepreneurial Potential Indicator- which will allow to evaluate the individual's entrepreneurial potential and which has already been validated for the Portuguese context (Ferreira *et al.*, 2009); the second, built by the authors of this study, which will allow the assessment of entrepreneurial skills in the context of education. This second scale built from the contributions of Martin Lackéus (2015). The results of the pre-test of this investigation associated with the theories used indicated, among other things that: more than half of the respondents presented entrepreneurial skills (76.62%) of the 77 respondents are prone to entrepreneurship, almost half of them (49.13%) self-perceived with entrepreneurial skills, while (41.88%) with entrepreneurial attitudes.

KEYWORDS: Entrepreneurship, Innovation, Higher Education, Skills, Teaching.

DADOS DO PÓS-DOCTORAMENTO

Este Relatório Final apresenta as atividades realizadas pelo investigador de pós-doutoramento, Professor Doutor André Luiz Leite Ferreira, entre agosto/2018 e julho/2019, no Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) – Universidade de Coimbra.

TEMA

O ensino de competências empreendedoras e de estímulo à inovação no ensino superior.

SUPERVISORA DA INVESTIGAÇÃO

Prof. Dr^a. Cristina Maria Pinto Albuquerque.

INSTITUIÇÃO DE EXECUÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

Universidade de Coimbra - Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20).

Rua Augusto Filipe Simões 33, 3000-457 Coimbra, Portugal.

Telefone: +351 239 708 870.

PERÍODO DE REALIZAÇÃO

De agosto de 2018 a julho de 2019.

DADOS DO PÓS-DOCTORANDO

Nome: André Luiz Leite Ferreira.

Formação profissional: Bacharel em Ciência da Computação (UNIFACS, 1999) e Doutor em Difusão do Conhecimento (UFBA, 2016).

Atuação profissional atual: Professor da Carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) em Regime de Dedicção Exclusiva (DE) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA).

Endereço profissional: Departamento de Computação, Campus Salvador, Rua Emídio dos Santos, s/n - Barbalho, Salvador - Bahia, 40301-015, Telefone: +55 71 2102-9400.

E-mails: andre.ferreira@ifba.edu.br / andrellfer@gmail.com

DADOS DA ORIENTADORA

Nome: Cristina Maria Pinto Albuquerque.

Formação profissional: Doutora em Lettres - Travail Social et Politiques Sociales (Université de Fribourg, Suíça, 2004) e Pós-doutorado (Université de Paris V, França, 2016).

Atuação profissional atual: Vice-reitora da Universidade de Coimbra, Professora auxiliar na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Investigadora Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra e do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA) da Universidade Nova de Lisboa.

Endereço profissional: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Rua do Colégio Novo, 3001-802, Coimbra, Telefone: (+351)239851450.

E-mails: crisalbuquerque@fpce.uc.pt / albuquerque.cristina05@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente Relatório pretende apresentar o processo e resultados decorrentes do pós-doutoramento realizado na Universidade de Coimbra, no período de agosto de 2018 a julho de 2019, e especificamente no Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX – CEIS20. Os objetivos da investigação proposta, que serão contextualizados mais adiante, foram: 1) Identificar o potencial empreendedor dos estudantes da Universidade de Coimbra; 2) Identificar as concepções dos estudantes sobre o conceito de inovação e a sua aplicabilidade; e 3) Verificar, a partir das percepções dos estudantes, se a instituição de ensino os tem estimulado/auxiliado no desenvolvimento de competências empreendedoras e de inovação.

A pesquisa decorreu em diversas etapas. Inicialmente, procurou-se desenvolver um levantamento diagnóstico em relação aos 03 eixos acima identificados. Após a realização do levantamento bibliográfico em busca de escalas validadas acerca de “Atitudes Empreendedoras”, esta investigação concentrou-se na análise inicialmente em 04 delas: Tendência Empreendedora Geral (TEG), Redução da Escala Tendência Empreendedora Geral (TEG-FIT), Potencial Empreendedor e *Entrepreneurial Potencial Indicator*. Como nenhuma das 03 primeiras escalas anteriores apresentaram validação para o cenário europeu, optamos pelo uso do “*Entrepreneurial Potencial Indicator*”. Não identificamos uma escala acerca das Competências Empreendedoras (Habilidades e Atitudes) e optamos pela elaboração de uma escala própria (que após o pré-teste poderá ser submetida a uma redução estatística). A etapa seguinte culminou na construção do instrumento de recolha de dados (Questionário) composto por 03 partes; P01 – Dados dos Respondentes, P02 – Dados acerca de Atitudes Empreendedoras e P03 – Dados acerca das Competências Empreendedoras.

O questionário foi aplicado no âmbito da UC e foram coletados dados de 77 indivíduos, que após a consolidação e análise deles compõem este relatório final. Espera-se que esta investigação possa subsidiar e orientar a tomada de decisão institucional quanto ao estímulo do empreendedorismo e inovação, bem como informar ao público externo (a sociedade) e ao público interno (a comunidade académica) a posição institucional quanto a este tão relevante tema.

Acredita-se nesta investigação que toda Instituição de Ensino Superior precisa organizar e estruturar seus fluxos de processo e de trabalho. Após os primeiros contatos presenciais, chegamos à conclusão que o tempo necessário para realização de estudo comparativo entre as Instituições de Ensino Superior de Portugal (Universidade de Coimbra) e Brasil (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia). excederia o tempo

destinado para o pós-doutorado (01 ano). A mudança metodológica ocorrido no primeiro mês deste pós doutoramento não interferiu no tema da pesquisa: O ensino de competências empreendedoras e de estímulo à inovação. Ainda neste mês, nos reunimos (o autor e sua orientadora) com a Prof.^a Dr^a Tânia Covas, pesquisadora da Divisão de Inovação e Transferências do Saber da Universidade de Coimbra, onde fomos convidados a conhecer as pesquisas realizadas por esta divisão. Percebemos a possibilidade de aliar a nossa pesquisa com uma das pesquisas da DITS (sobre o “Perfil do estudante empreendedor”), o que nos permitiu alargar o escopo do estudo inicialmente previsto e criar condições para lhe dar continuidade, mesmo após o período de permanência em Portugal.

No ano de 2007, em Portugal, foram definidas pela Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação (DGIDC), as principais competências-chave para o empreendedorismo que deveriam ser alvo de promoção ao longo da educação básica e do ensino secundário (Pereira *et al.*, 2007) e que deveriam nortear as intervenções produzidas em contexto escolar no âmbito da educação empreendedora.

Assim, as competências-chave identificadas foram:

- Autoconfiança / Assumpção de riscos;
- Iniciativa / Avaliação / Energia;
- Resiliência;
- Planeamento / Organização;
- Criatividade / Inovação;
- Relacionamento interpessoal / Comunicação.

Tal como é possível verificar, todas as competências-chave identificadas do empreendedorismo poderão ser consideradas como sendo competências de índole não-cognitiva, e certamente serviram de referência para a escala chamada de “*Entrepreneurial Potential Indicator*”, que avalia o potencial empreendedor do indivíduo. Destaca-se que a construção da escala relativa aos dados acerca das Competências Empreendedoras, composta de 26 questões, não tem por finalidade avaliar o potencial empreendedor do indivíduo, mas sim verificar (ainda que a partir da percepção do discente) se a instituição de ensino tem estimulado/auxiliado seus estudantes no desenvolvimento de competências empreendedoras e de inovação.

Esta última escala refere-se à percepção destes indivíduos quanto a atuação da IES no desenvolvimento de competências empreendedoras e de inovação, notadamente influenciando-os em suas Habilidades (Competências de marketing, Competências financeiras, Competências de oportunidade, Competências interpessoais, Competências de aprendizagem e Competências estratégicas) e suas Atitudes (Desejo empreendedor,

Autoeficácia, Identidade empreendedora, Proatividade, Incerteza/tolerância à ambiguidade, Inovação e Perseverança).

Desta forma, acredita-se que através desta investigação a Universidade de Coimbra poderá desenvolver o ensino de competências empreendedoras e de estímulo à inovação em seus cursos de graduação considerando o perfil de seus discentes ingressantes (Perfil do estudante empreendedor), bem como a percepção destes indivíduos quanto a atuação da universidade no desenvolvimento de competências empreendedoras e de inovação.

ENQUADRAMENTO E PERTINÊNCIA DO OBJETO DE ESTUDO DO PÓS-DOCTORADO

Nas últimas três décadas o interesse económico, social e académico sobre o empreendedorismo têm vindo a aumentar de forma exponencial. A expansão da produção científica nesta área é uma prova desse interesse (Dees, Emerson, & Economy, 2001, Elkington *et al.*, 2008; Nichols, 2006), bem como o crescimento de iniciativas, tanto em termos de criação de negócios (empresariais ou sociais), como no domínio da formação (superior ou profissionalizante).

Como evidencia Murray *et al.* (2010) estamos hoje perante uma mudança profunda e incerta de paradigma. De um paradigma associado a um progresso “virtuoso” para um horizonte de desenvolvimento, mais ou menos previsível e controlável, para um paradigma, emergente, de cariz essencialmente híbrido, incerto e pluralista. Esta mudança, ao mesmo tempo conjugada e impulsionada pelas alterações socioeconómicas e tecnológicas em curso - homogeneização e produção em massa; redes globais; terceirização do emprego, etc. -, envolve complexidade e dissolução das normas e expectativas que estruturaram as sociedades modernas industrializadas.

Paralelamente aos processos macro (globais), valoriza-se hoje, de forma conjugada, o micro, a dimensão humana, a perspetiva “*prosumer*” (Toffler, 1980), a esfera doméstica como unidade económica relevante, a participação, a inovação, a criatividade e o simbólico como eixos cruciais da renovação ou transformação dos sistemas democráticos e do desenvolvimento sustentável. Neste contexto, lado a lado com uma economia de escala, surge uma economia de escopo e de conhecimento, baseada em informações e novas tecnologias.

O apelo político e económico atualmente destinado ao empreendedorismo e à inovação (EC, 2010) podem ser lidos sob duas perspetivas, muitas vezes apresentadas de forma antitética: uma mais utilitária, guiada para e pelas prerrogativas do mercado, outra mais holística e orientada para o desenvolvimento humano, social e económico sustentável e eficaz. No primeiro caso, sob uma conceção mais restrita, pragmatista ou utilitarista, o empreendedorismo é concebido como uma estratégia para os indivíduos e empresas, a fim de responder a questões estruturais para as quais os modelos anteriores falharam. Numa perspetiva mais holística, embora a componente utilitária permaneça presente, o elemento central passa a ser a confiança nos indivíduos, grupos e comunidades para responder, de uma forma mais adaptada, inovadora e relevante, a necessidades individuais ou coletivas (não satisfeitas ou insuficientemente satisfeitas), a preferências ou a desafios

de integração e desenvolvimento das sociedades contemporâneas. O impulso ao chamado empreendedorismo social em paralelo com o empreendedorismo empresarial e tecnológico é a este nível um factor a destacar nas últimas décadas.

O estímulo à criatividade e iniciativa, para identificar e explorar potencialidades, oportunidades e recursos escassos, une assim cada vez mais a lógica do desenvolvimento, a coesão social, a eficiência, a eficácia e a equidade económica. Numa perspetiva holística, o apelo ao empreendedorismo surge como uma estratégia de desenvolvimento e um fator desencadeador de uma economia mais eficiente e sustentável e do envolvimento dos cidadãos (particularmente relevante para a concretização dos objetivos da Agenda Europa 2020). Neste sentido, os incentivos políticos e económicos ao empreendedorismo, seja empresarial ou social, são agregados sob uma lógica que concebe o desenvolvimento como produto de articulações coerentes entre os campos social, económico e tecnológico; entre público e o privado e entre o(s) indivíduo(s) e as orientações coletivas.

Para a concretização destes desideratos a formação de cidadãos e profissionais proativos e que concebam o empreendedorismo como uma atitude de enfrentamento de dificuldades e de busca de soluções inteligentes para eles é particularmente relevante, colocando ao ensino superior desafios renovados. Tais desafios associam-se não só com a decisão dos conteúdos a lecionar, mas, sobretudo sobre o como fazê-lo, remetendo-nos para uma reflexão intimamente associada às estratégias pedagógicas a utilizar face à transformação das exigências do mundo atual (e em determinadas regiões de modo particular, como na Europa e na América Latina) e do próprio perfil dos estudantes que hoje frequentam o ensino superior.

Destaca-se que a transição do paradigma da sociedade industrial para o da sociedade do conhecimento colocou, no centro de uma ampla discussão, envolvendo o Estado, a iniciativa privada e a universidade, este conhecimento, bem como a sua gestão. Neste contexto, as instituições educacionais, atuam também como agentes de desenvolvimento económico, à medida que o conhecimento se torna um ativo cada vez mais importante. É, pois, essencial uma maior reflexão sobre o papel a desempenhar pelo ensino superior em particular, nesta nova sociedade de conhecimento e de apelo a competências empreendedoras, bem como sobre o modo de concretizar esse papel de forma a conciliar a formação orientada para princípios e valores universais com o treino e estímulo de competências operacionais, adaptativas e pragmáticas.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE, 2005), a economia atual, para alcançar desenvolvimento, apresenta-se como uma economia na qual nenhuma forma de conhecimento deve ser desprezada. Para corroborar a sua afirmação, a referida organização realizou uma pesquisa na qual constatou que “as

nações que desenvolvem e gerenciam efetivamente seus ativos de conhecimento têm melhor desempenho que as outras” (OCDE, 2005, p.17). Esta constatação tem motivado políticas públicas e investimentos governamentais em ativos intangíveis que promovam a geração de conhecimento.

Neste contexto, acredita-se que o ensino superior tem diante de si diversos desafios e oportunidades proporcionados pelas mudanças na atual ordem mundial, onde o ambiente enfrentado difere em muito do ambiente encontrado na passagem para o século XXI. Tais mutações decorrem em grande medida da “revolução”, ocorrida durante as últimas décadas do século XX, que produziu “um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação” (Castells, 1999, p. 67), interconectando pessoas, processos, informações e produtos. Segundo Castells (1999), a aplicação de conhecimentos e de informações “para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso” (Castells, 1999, p. 69) aparece como ponto central. Sob tais pressupostos tanto a formação profissional quanto o mundo do trabalho estão altamente correlacionados e inseridos em processos sociotécnicos capitaneados pela revolução das Tecnologias da Informação (TI).

Na década de 1950, teóricos como Alvin Toffler e Peter Drucker começaram a refletir sobre as mudanças advindas da revolução industrial que criou alterações dramáticas nos padrões sociais e, portanto, de trabalho, bem como o impacto que isso teve sobre a natureza do trabalho e as potenciais consequências dessas mudanças. Drucker (1959), em particular, observou os avanços tecnológicos decorrentes da revolução industrial e acreditava que, à medida que a tecnologia digital avançava, os trabalhadores precisavam de uma gama mais ampla de habilidades específicas capacitando-os a participarem plenamente nos futuros locais de trabalho. Além disso, o visionário Alvin Toffler (1980) defendeu outras mudanças significativas na vida e no trabalho do indivíduo, propondo a “casa eletrônica” como o lugar onde os cidadãos do futuro viveriam e trabalhariam.

Uma série de autores continuou a partir de Toffler e Drucker fazendo previsões sobre novas formas de trabalho, oscilando desde o desemprego em massa até aos funcionários liberados de muitos dos aspectos maçantes e degradantes de emprego (Nolan, 2002; Ang, Pavri, 1994). Recorrendo-se ao passado, nas pesquisas desde a década de 1980, quando as revoluções da informação começaram a produzir efeitos, tem-se a sensação de que quase todas as formas possíveis de trabalho haviam sido preditas em algum ponto da história. Elas variaram da utopia profunda, como *A Terceira Onda* de Toffler, para o pessimismo profundo (Baldry, 2011; Keen, 2015).

A incorporação do uso da TI às rotinas laborais, por exemplo, apresentou duas

consequências significativas, em primeiro lugar, os serviços tornaram-se “interativos”, exigindo habilidades mais específicas e, em segundo lugar, poderiam ser produzidos num local e consumidos em outro (Brynjolfsson, McAfee, 2014). O mundo do trabalho vive assim em constante transformação, sendo esta definida pelo processo de organização do capital globalizado, e do chamado “capitalismo cognitivo” (Bridi, Braunert, 2015), interferindo diretamente tanto na existência das empresas, quanto na configuração do perfil de atuação do trabalhador.

Assim sendo, e considerando o atual modelo da sociedade em que a esfera econômica assume a centralidade dos processos sociais, políticos e culturais, percebe-se que “o capital tem mobilizado as subjetividades na constituição de valor e na produção de bens imateriais e, na esteira da construção de novas subjetividades, difunde-se a ideia de um perfil de profissional capaz de atender ao atual momento do capitalismo” (Oliveira, Pires& Martins, 2017, p. 166).

A rapidez no desenvolvimento das inovações tecnológicas, aliada à instabilidade do mercado profissional, tem levado as empresas a adotarem estratégias de contratação de “força de trabalho de acordo com as flutuações da demanda” (Bridi, Braunert, 2015, p.208). Um dos reflexos imediatos deste cenário é percebido no processo de recrutamento e demissão de trabalhadores a partir das necessidades conjunturais das empresas.

Assim, uma categoria discursiva hoje amplamente utilizada é a noção de empregabilidade, onde a flexibilidade profissional se apresenta como elemento central da discussão. Os seus pressupostos imputam ao trabalhador a busca de soluções individuais e o exercício da criatividade e do empreendedorismo, valorizando o mérito e a autoresponsabilização pela construção e valorização das próprias condições de empregabilidade (Bridi, Braunert, 2015). Ferreira (2016) afirma que

em um ambiente de produção (...), as inovações tecnológicas constituem a base do desenvolvimento econômico, através da geração de oportunidades de investimentos, bem como crescimento e emprego. A adoção da tecnologia correta pode trazer ganhos de produtividade, bem como reduzir os custos, aumentar a renda, obter maior qualidade e homogeneidade da produção. Por sua vez, esta adoção quando realizada por uma organização acadêmica governamental, reflete na otimização do uso de seus recursos, impactando diretamente na educação, pesquisa e extensão (p.89)

o que reforça a importância do estímulo à inovação no ensino superior.

No início da década passada, o Livro Verde da União Europeia sobre o Empreendedorismo (EC, 2003) define uma série de benefícios que podem ser associados ao empreendedorismo. Esses benefícios incluíam o contributo para o crescimento econômico pelo trabalho; o fomento da coesão econômica e social, especialmente em regiões menos desenvolvidas contribuindo para a melhoria da sua competitividade e produtividade; o

desbloqueamento das potencialidades pessoais e a possibilidade de satisfação de uma série de interesses sociais, riqueza, empregos e diversidade de escolha disponíveis para os cidadãos.

Do mesmo modo, a busca de sustentabilidade ancorada em intervenções multidimensionais e mutuamente conectadas está subjacente à Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, colocando o empreendedorismo -, entendido simultaneamente como atitude, produto e produtor de valor integrado (social, económico e tecnológico) - como um dos pilares a incrementar nas sociedades atuais.

O documento, adotado na Cimeira da Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015, culminou nos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) para vigorar até 2030, com vista à erradicação da pobreza e ao desenvolvimento económico, social e ambiental à escala global. Trata-se, como referenciou o então secretário geral da ONU, Ban Ki-moon, de uma “visão comum para a Humanidade e um contrato social entre os líderes mundiais e os povos”, uma responsabilidade partilhada na promoção de sociedades pacíficas e inclusivas, na erradicação de todas as formas de discriminação e na gestão de recursos de forma sustentável. Um ano antes, Androulla Vassiliou (2014), membro da Comissão Europeia responsável pela Educação, Cultura, Multilinguismo e Juventude, havia já afirmado:

A educação para o empreendedorismo é o motor do crescimento futuro e ajudar-nos-á a inspirar os empresários de amanhã. Se a Europa se quiser manter competitiva, terá de investir nas pessoas, nas suas competências e nas suas capacidades de adaptação e inovação. Significa isto que temos de promover uma verdadeira alteração das mentalidades na Europa para favorecer o empreendedorismo, começando por promover esse espírito desde os níveis precoces de educação. (VASSILIOU, 2014, p.1).

Neste sentido, a Agenda 2030 é uma agenda alargada e ambiciosa que aborda várias dimensões do desenvolvimento sustentável (social, económico, ambiental) e que promove a paz, a justiça e instituições eficazes. A mobilização dos meios de implementação – dos recursos financeiros às tecnologias de desenvolvimento e transferência de capacitação – é também reconhecida como fundamental. É possível, em menor ou em maior grau, correlacionarmos os 17 ODS à inovação ou ao empreendedorismo, seja em termos de promoção do crescimento económico sustentado, inclusivo e sustentável, do emprego pleno e produtivo e do trabalho decente para todos (ODS8), seja na construção de infraestruturas resilientes, promoção da industrialização inclusiva e sustentável e fomento à inovação (ODS9).

Evidencia-se, pois a centralidade de uma transformação global no modo de conceber o papel e as responsabilidades de cada região e de cada cidadão na construção de novas perspetivas de desenvolvimento (individual e coletivo), tendo em vista uma resposta mais

integrada e adaptada aos desafios das sociedades atuais, nomeadamente em termos de trabalho e integração socioeconómica, e à sustentabilidade multidimensional que precisam de assegurar.

Advoga-se nesta investigação um ensino capacitante e promotor de pensamento crítico, de criatividade, de sentido cívico e de compreensão global de si e dos outros num mundo partilhado e cooperativo. Por outras palavras, um ensino que prepare os futuros profissionais para uma cidadania mais ativa, reflexiva e responsável, potenciando a compreensão dos papéis a cumprir, a consciência das interdependências entre as dimensões locais e globais, individuais, políticas, económicas e sociais e a compreensão de diferenças e complementaridades num mundo plural (Albuquerque *et al.*, 2016).

Embora muito se fale da importância de se formar estudantes mais empreendedores e inovadores pouco se tem falado das estratégias desses processos educacionais, caindo no excesso de críticas, sem muitas sugestões ou realizações concretas.

Como afirmam alguns autores, o ensino de competências empreendedoras e de estímulo à inovação aumentam significativamente a capacidade dos alunos ao longo da vida e o desejo de inovar (Edwards *et al.*, 2009). Desta forma, ao introduzir-se o ensino de competências empreendedoras e de estímulo à inovação nos currículos e atividades no ensino superior (e mesmo mais precocemente como alguns autores acentuam) acredita-se que esta ação tenha um efeito significativo sobre a criatividade, inovação, liderança e intenções empreendedoras nos estudantes e futuros profissionais.

A criação de uma sociedade empreendedora, começando com os mais jovens em contexto formativo, é hoje em dia essencial para promover novas formas de agir e pensar em problemas complexos e reagir a uma cultura de fatalismo e passividade. Com efeito, na atualidade, os egressos do ensino superior enfrentam muitos desafios, destacando-se: o desafio de rápidos avanços tecnológicos, da carreira multifacetada, as mudanças de estilo de vida e a necessidade de assumir maior responsabilidade pessoal para alcançar o “sucesso” em sua vida pessoal e profissional. Eles precisam de uma maior base educacional, capaz de proporcionar-lhes as qualidades, habilidades e compreensões que atenuem estes desafios durante a sua formação. Ressalte-se que na América Latina esses egressos são muito avaliados e é praticamente inadmissível falhar, seja na escolha da profissão, seja no mercado de trabalho ou em qualquer outro segmento (Edwards *et al.*, 2009).

Ressalva-se, por isso, a importância de proceder a mudanças nos modelos de ensino-aprendizagem que desde logo integrem o erro como mecanismo de revisão de pressupostos e de aprendizagem em vez de penalização e falhanço. Desse modo, advoga-se que o estímulo a competências empreendedoras tem potencial para fazer uma profunda diferença em como o egresso de ensino superior aborda o empreendedorismo e

a inovação na sua formação pessoal e profissional. Convém ressaltar que muitos usam o termo “educação empreendedora” referindo-se ao ensino de empreendedorismo, sendo que, sintaticamente, há uma grande diferença. Se considerarmos o termo “educação inovadora” evidencia-se uma abordagem mais inovadora para a educação, não o ensino de inovação. Isto ocorre porque os termos “inovadora/empreendedora” entram como adjetivos, caracterizando o termo educação, o que não é o caso. Logo, a melhor maneira de referir-se à formação de empreendedores é “ensino de empreendedorismo” ou “educação para o empreendedorismo” ou para “competências empreendedoras”.

Na última década, a inovação científica e tecnológica tem se estabelecido como um dos fatores mais importantes para garantir crescimento, competitividade e rentabilidade diferenciada às organizações. São diversas as evidências da importância do tema e muitos estudos apoiam a visão de que a inovação é fundamental para a sobrevivência em ambientes competitivos. Novos processos e produtos, novos modelos de negócios, entrada em novos mercados, atração e retenção de talentos ou ainda a valorização da imagem perante parceiros, clientes e investidores, representam alguns dos resultados da inovação.

Como Drucker na década de 1950 foi descrevendo como as habilidades da era industrial já não eram apropriadas, o desenvolvimento da “economia digital” pode ser classificado como o surgimento de “*The Second Machine Age*” (Brynjolfsson; McAfee, 2014). Nesta segunda idade da máquina há uma maior capacidade de tecnologia em assumir uma ampla gama de tarefas, tanto manual quanto intelectual. O perigo deste novo mundo de trabalho em uma economia digital é que, com um impulso para maior produtividade, as empresas são capazes de empregar menos trabalhadores, um futuro que permite que algumas pessoas se tornem muito ricas e levando a maioria dos trabalhadores a uma pior situação (Keen, 2015).

Nos dias atuais, os egressos do ensino superior enfrentam muitos desafios em suas vidas, destacando-se: o desafio de rápidos avanços tecnológicos, da carreira multifacetada, as mudanças de estilo de vida e a necessidade de assumir maior responsabilidade pessoal para alcançar o “sucesso” em sua vida pessoal e profissional. Eles precisam de uma maior base educacional, capaz de proporcionar-lhes as qualidades, habilidades e compreensões que atenuem estes desafios durante a sua formação profissional.

Desta forma, acredita-se que a compreensão dos processos de ensino, matérias e estímulo a competências empreendedoras têm potencial para fazer uma profunda diferença em como o egresso de ensino superior aborda o empreendedorismo e a inovação em sua formação pessoal e profissional. Convém ressaltar que muitos usam o termo “educação empreendedora” referindo-se ao ensino de empreendedorismo, sendo que, sintaticamente, há uma grande diferença. Se considerarmos o termo “educação inovadora”: o que virá

à mente do leitor? Uma abordagem mais inovadora para a educação, não o ensino de inovação. Isto ocorre porque os termos “inovadora/empreendedora” entram como adjetivos, caracterizando o termo educação, o que não é o caso. Logo, a melhor maneira de referir-se à formação de empreendedores é “ensino de empreendedorismo” ou “educação para empreendedorismo”.

O empreendedorismo tornou-se um importante fenômeno no desenvolvimento social e econômico de um país, destacando-se como uma competência fundamental nas estratégias educacionais mundiais. Para a União Europeia, alcançar uma massa crítica de jovens empreendedores requer um investimento em longo prazo no desenvolvimento do capital humano. No cenário atual existem muitos países com grande dificuldade em aproximar o ambiente empresarial e o ambiente acadêmico. Acredita-se que Empreendedorismo, Inovação e Gestão de Empresas não deveriam ser implementados somente transversalmente nos currículos do ensino superior, mas também como parte integrante da formação do egresso. A formação deste deve ser pautada além dos elementos técnicos, permitindo que ele trabalhe não somente como desenvolvedor ou difusor de tecnologia, mas também como agente transformador da sociedade.

A INVESTIGAÇÃO

Esta investigação proporcionou o início de uma pesquisa no âmbito da Universidade de Coimbra sob as seguintes perspectivas: 1) Perfil dos discentes, 2) Atitudes Empreendedoras dos discentes (avaliar o potencial empreendedor dos indivíduos) e 3) Competências Empreendedoras e Formação (verificar se a instituição de ensino tem estimulado/auxiliado seus estudantes no desenvolvimento de competências empreendedoras e de inovação). Numa primeira fase do estudo¹, procurou-se desenvolver um levantamento diagnóstico em relação aos eixos acima identificados. Espera-se que este diagnóstico possa subsidiar e orientar a tomada de decisão institucional quanto ao estímulo do empreendedorismo e inovação, bem como informar ao público externo (a sociedade) e ao público interno (a comunidade académica) a posição institucional quanto a este tão relevante tema. Para o estudo pré-diagnóstico foram utilizadas duas escalas: a primeira – *Entrepreneurial Potential Indicator* – que permitirá avaliar o potencial empreendedor do indivíduo e que já foi validada para o contexto português (Ferreira *et al.*, 2009); a segunda, construída pelos autores deste estudo, que permitirá avaliar as competências empreendedoras no quadro do ensino, sendo construída a partir dos contributos de Martin Lackéus (2015).

REVISÃO DA LITERATURA

A educação para o empreendedorismo começou há mais de um século, com organizações como a *Júnior Achievement*. No entanto, tem sido apenas uma mera referência no currículo de algumas instituições de ensino nas últimas 4 ou 5 décadas. O primeiro curso de pós-graduação em empreendedorismo foi oferecido na Universidade de Harvard em 1947 (Katz, 2003). Na literatura encontram-se diversos relatos em universidades, principalmente, nos EUA, Europa e China no sentido de promover o empreendedorismo e inovação em suas instituições de ensino superior.

A introdução de habilidades técnicas com áreas não técnicas, como inovação, empreendedorismo, liderança e comunicação podem ser relacionadas às seguintes instituições: a Universidade do México em 1983 (Gross, 2000), a Universidade Atlântico da Florida (Stevens *et al.*, 2009), Universidade de Zhejiang / China (Fan *et al.* 2010), programa em conjunto entre a Universidade de Hofstra / EUA e na Universidade do Qatar (DOBOLI *et al.* 2010), Universidade Estadual da Carolina do Norte (Miller *et al.* 2011), diversas Universidades na China (Yun; Xiuzhen, 2011).

1. Esta primeira fase corresponde ao período de pós-doutoramento do Professor André Luiz Leite Ferreira considerando-se porém que o estudo deve ser prosseguido tendo em vista um aprofundamento do conhecimento dos planos de formação em empreendedorismo, em Portugal e no Brasil, bem como a apreciação qualitativa (via entrevistas e grupos focais) das percepções e expectativas relativamente ao papel do ensino superior no aproveitamento e estímulo a competências empreendedoras.

Considerando a criação de centros de incubação e aceleração de novos negócios, encontramos na literatura: a província de West Java na Indonésia (Aldianto *et al.* 2010). A partir da realização de estudos com objetivo de identificar problemas, desafios e casos de sucesso ao introduzir-se o empreendedorismo nos cursos de computação, encontram-se: Universidade de Baylor (FRY; LEMAN, 2007), Universidade Politécnica de Valência (Edwards *et al.* 2009), universidades regionais da China (Ling-Li; Jun, 2011), universidades da China (Huo; Wu, 2011).

Merecem destaque como pilares do empreendedorismo nos EUA as renomadas Stanford², Harvard³ e MIT⁴, que mesclam o curso técnico (i.e. engenharias) com curso de business, onde o foco está nas áreas de empreendedorismo, inovação, liderança e mercado. Ressalte-se que destas três universidades saíram diversas startups de sucesso mundial, como *Microsoft, Apple, Yahoo!, Google, Facebook*, dentre outras. O programa do MIT, embora aberto para estudantes de engenharia e ciência, está centrada na *Sloan School of Management*, o programa de Harvard também está centrado na *Business School* e o programa *Stanford* pertence à Escola de Engenharia. Oferecendo uma ampla gama de cursos, visando introduzir técnicas de gerenciamento e expansão de negócios baseada em tecnologia disponível para estudantes de engenharia e ciência destacam-se MIT e *Harvard*. Os cursos utilizam uma variedade de métodos de ensino: estágios, palestras, estudos de caso, avaliações externas das tarefas dos estudantes por capitalistas de risco e projetos de estudantes. Todos os cursos são focados em técnicas de apresentação e envolvem trabalho em equipe.

Baseado na premissa de que, além de habilidades técnicas, os estudantes precisam saber como identificar oportunidades de mercado e assumir papéis de liderança em negócio, o principal programa educacional de empreendedorismo para alunos é o *Stanford Technology Ventures Program* (STVP) que está hospedado pela Escola de Engenharia de *Stanford*. Para atingir esse objetivo, o programa oferece cursos introdutórios e avançados na área de marketing empresarial, finanças, estratégia e inovação. Em *Stanford, Harvard* e MIT, a educação empreendedora é parte do currículo formal e a atividade empresarial é financiada pelas respectivas escolas ou faculdades.

O empreendedorismo tornou-se um importante fator no desenvolvimento social e econômico de um país, destacando-se como uma competência fundamental nas estratégias educacionais mundiais. Uma das vertentes da atual literatura sobre empreendedorismo apresenta a concepção do empreendedor como um criador de redes, criticando implicitamente a noção dominante que o vê como um ator atomizado e autossuficiente.

2. <https://www.gsb.stanford.edu/>

3. <https://www.hbs.edu/Pages/default.aspx>

4. <http://mitsloan.mit.edu/>

Nesta vertente, o empreendedor pode ser considerado como um articulador capaz de unir e conectar diferentes atores e recursos dispersos no mercado e na sociedade, agregando desta forma, valor à atividade produtiva (Vale, 2006, 2007).

Outra vertente encontrada na literatura refere-se ao empreendedor como agente de inovação e remonta ao economista austríaco Schumpeter (1982), considerado o grande divulgador dos impactos da inovação, por causa das suas ideias sobre “destruição criativa”. Acredita-se que a junção dessas duas concepções pode trazer relevantes contribuições para uma melhor compreensão do fenómeno do empreendedorismo e do seu impacto na sociedade pós-industrial, um mundo caracterizado por um vertiginoso processo de transformação, onde a inovação representa a mola mestra.

De acordo com Doboli *et al.* (2010), numa visão estrita, o empreendedorismo constitui-se como o processo de início de um novo negócio, baseado num produto ou num serviço. Pessoas imersas neste processo são movidas pelo desejo de inovar e mudar a forma como as coisas são feitas (*status quo*). Os empreendedores são “aqueles que criam novos negócios, impulsionam e moldam a inovação, aceleram as mudanças estruturais, aumentam a competição no mercado e contribuem para a saúde fiscal da economia” (Schött, Kew & Cheraghi, 2015, p.16). Os autores ainda consideram que o interesse empreendedor é uma mentalidade que pode ser instigada e nutrida pela socialização e educação, e que as competências empreendedoras podem ser aprendidas por meio da escolarização e formação (Hoffman *et al.*, 2005; Schött, Kew & Cheraghi, 2015).

Uma inovação, neste sentido, é a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas (OCDE, 2005). Segundo Rogers (2003), a inovação é uma ideia, prática ou objeto que é percebido como novo por um indivíduo ou por outra unidade de adoção.

O termo inovação quase sempre está associado ao ambiente de negócios, empresarial, ainda que a adjetivação da inovação como social tenha vindo a adquirir, sobretudo desde os anos 80 do século passado, uma importância fundamental. O constante nível de competitividade do mercado, nos seus mais diversos setores, tornou imperativa a conjugação do verbo inovar. Quer seja para garantir a rentabilidade dos seus ativos, quer seja como forma de proteção nos seus mercados, a adoção de inovações cada vez mais norteia as decisões dos diretores e administradores de empresas. Por sua vez, no campo académico, quando estes conceitos são aplicados às áreas de pesquisa, desenvolvimento e inovação, parcerias são buscadas visando resultados inovadores, que tragam benefícios para ambas partes, tornando-se um fator de excelência e contribuindo para uma melhor

formação pessoal e profissional.

Nos últimos 15 anos, a educação para o empreendedorismo tem conhecido uma grande expansão nos EUA e em outras partes do mundo, nomeadamente em vários países europeus (Greene & Rice, 2002). No entanto, tem havido poucos estudos realizados sobre os impactos da educação e formação em empreendedorismo, nomeadamente no desenvolvimento de habilidades e valores (McMullan *et al.*, 2001). A maioria das pesquisas tende a ser fragmentada e principalmente com uma orientação excessivamente descritiva. Ainda assim, pesquisas recentes sobre a contribuição da educação para o empreendedorismo indicam conclusivamente que contribui significativamente para assumir atitudes de risco, para a formação de novos negócios (Garavan & O'Cinnelde, 1994) e para a propensão de ser trabalhador por conta própria (Charney & Libecap, 2002). Também parece ter um efeito positivo sobre a viabilidade percebida do empreendedorismo ou da autoeficácia empresarial (Hytti, 2008, Alberti *et al.*, 2005; Lepoutre *et al.*, 2010). Foi também demonstrado que os impactos positivos da educação para o empreendedorismo são mais fortes entre os alunos com uma exposição prévia positiva a experiências concretas de ação empreendedora (Peterman & Kennedy, 2003).

A literatura recente destaca ainda a existência de diferentes tipos de educação e programas de treinamento para empreendedores. Embora todos eles tenham uma base comum, ao enfatizarem as *skills* que os empreendedores precisam, as metodologias da formação e as avaliações diferem significativamente. Como Damon e Lerner (2008) destacam há uma falta de consenso sobre os fatores que permitem avaliar “práticas de sucesso”. Esses fatores podem estar associados a indicadores que se enquadram em quatro categorias: (1) conhecimento académico sobre empreendedorismo; (2) desempenho académico em geral; (3) formação em negócios e geração de riqueza, e finalmente (ou principalmente) (4) valores e aspirações pessoais.

Desde logo, podemos supor que simplesmente saber algo não é, por si só, um preditor de atitudes associadas a esse conhecimento e ao desempenho decorrente. A “educação para o empreendedorismo” não gera necessariamente empreendedores, mas pode promover, ou potencializar, com metas pedagógicas renovadas e ferramentas adequadas as possibilidades ou capacidades de o ser (Ferreira, 2011).

Como já foi destacado, a natureza do trabalho está a mudar. O trabalho em equipa tecnológica, a rotação de trabalho e a multitarefa, têm um impacto considerável no tipo de habilidades e competências exigidas hoje em dia. Portanto, os trabalhadores terão de possuir cada vez mais uma gama vasta de habilidades e atitudes genéricas e transferíveis, incluindo competências de pensamento crítico e relacionadas com as pessoas. Há também uma crescente necessidade de competências de resolução de problemas, pensamento

analítico, autogestão, comunicação, linguísticas e de proatividade.

Os sistemas de educação e formação devem, portanto, estar prontos para desenvolver programas para profissões emergentes e/ou novas competências associadas a novos perfis de emprego e participação social. Devem pois construir ferramentas de futuro: pensamento crítico, trabalho em equipa, criatividade, comunicação e senso de inovação e proatividade. Incutir essas competências vitais exigirá mudanças na forma como o ensino é organizado, incluindo práticas de ensino renovadas, processos, trabalho de campo e o valor do erro (Denny & Harmon, 2000).

O documento da EURYDICE *Entrepreneurship Education at School in Europe* (2012), que explicita as competências chave para o empreendedorismo, destaca a ideia de que no centro da educação empreendedora deve estar a “*ability to turn ideias in action*”. Isto não significa descurar, como já foi afirmado, todo um conjunto de saberes estruturantes e de princípios gerais que devem continuar a pautar o ensino da *Universitas*, mas antes associar o complemento necessário à preparação para a “vida real”, necessariamente mutante, plural e imprevisível. Considerando esta orientação que interpretamos no seu conceito mais lato, como uma competência transversal à vida das pessoas, faz-nos reflectir sobre como podemos educá-las para adquirirem essa capacidade ao longo da vida.

Colocar ideias em ação exige um conjunto de capacidades, circunstâncias e fatores, bem como um contexto de oportunidades, autoconfiança, capacidade de assumir riscos, de lidar com o fracasso, autonomia, entre outras, a que acrescem competências específicas, que dependendo da idade e grau escolar vão variando do simples saber ler e escrever, planejar uma acção imediata, a fazer um projeto de acção de longo prazo, que exige especialização em algumas áreas do saber.

Os métodos de educação formal, mesmo os mais ativos (interrogativo, saber-fazer etc.), baseados em transmissão de conhecimento não são adequados já que permitem unicamente que o formando/educando tenha a possibilidade de experimentar a execução de uma determinada tarefa em consonância com um objetivo pré-definido. De acordo com Dewey (1959, p.96) “a educação é um processo de vida e não a preparação para a vida futura (...). A verdadeira liberdade... é intelectual; reside no poder do pensamento exercitado, na capacidade de ‘virar as coisas ao avesso’, de examiná-las deliberadamente (...)”. “... Pois liberdade é o poder de agir e executar, independentemente de tutela exterior” (idem, p.93).

Nesta perspetiva, advoga-se que tanto o Empreendedorismo quanto a Inovação não deveriam ser implementados somente transversalmente nos currículos do ensino superior, mas também como parte integrante da formação do egresso. A formação deste deve ser centrada para além dos elementos técnicos, permitindo que ele trabalhe não somente como

promotor ou difusor de tecnologia, mas também como agente transformador da sociedade.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Brasil

Por muito tempo o Brasil deixou de explorar seu potencial em empreendedorismo e inovação tecnológica. Em parte, porque a política governamental não tinha o foco no investimento em Pesquisa e Desenvolvimento e Inovação (P&D&I), fazendo a ponte entre empresas e universidades, e em parte porque a educação e cultura da população neste tema nunca foram tratadas como prioridade. Universidades públicas no Brasil, que são consideradas como as principais fontes de formação qualificada de profissionais, não apresentam dinamismo no processo de formação de seus alunos. Isso pode ser visto pela quantidade de matrizes curriculares desatualizadas nas diversas instituições de ensino do país.

Poucas universidades brasileiras apresentação a educação empreendedora como parte do currículo formal na graduação e possui a atividade empresarial financiada pelas respectivas escolas ou faculdades. Ainda assim, podem ser citados alguns casos como pioneiros. São eles: (a) Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde o aluno do curso de Ciência da Computação tem a possibilidade de optar pelo perfil “Empreendedor” na grade de perfis a ser selecionado como optativo durante o curso; (b) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde é oferecida a disciplina optativa de Empreendedorismo; (c) Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde é oferecido um perfil optativo de Empreendedorismo no curso de Ciência da Computação. Mesmo assim, estes cursos oferecem o conteúdo de empreendedorismo e inovação como perfil optativo em suas matrizes curriculares em computação. Excepcionalmente, têm-se o caso da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) que se diferencia por se tratar de disciplina obrigatória na grade curricular do curso.

No Brasil abundam as evidências da falta de preparação em geral para a realidade empresarial. Em 2016, de acordo com o estudo *Global Entrepreneurship Monitor*⁵ de 2016, 52 milhões de brasileiros entre 18 e 64 anos estiveram envolvidos na criação ou na manutenção de um negócio: quase 40% da população nessa faixa etária. Em média, 25% das pequenas e médias empresas no Brasil fecham as suas portas com apenas dois anos de atividade. Com cinco anos de operação, esse índice aumenta para mais de 50%. Isso,

5. A pesquisa GEM iniciou-se em 1999, fruto de uma parceria entre a *Babson College* e a *London Business School* e, atualmente desponta como a mais abrangente pesquisa anual sobre atividade empreendedora no mundo, destacando-se por explorar o papel do empreendedorismo no desenvolvimento social e econômico. O número de países participantes desta pesquisa continua em ascensão, atingindo em 2016 a marca de 65 países dos cinco continentes, que representam 70% da população e 83% do PIB mundial.

claro, afeta o país de diversas maneiras, desde uma situação econômica mais instável até uma piora na percepção da própria população quanto ao seu potencial. A título de comparação, a taxa de sobrevivência das empresas portuguesas no quinto ano, segundo Dun & Bradstreet (2015), é de cerca de 39%.

De acordo com o GEM (2016) o empreendedorismo tem-se mostrado uma ferramenta de desenvolvimento económico e que traduz o desejo de muitos brasileiros. Assim, é particularmente relevante a componente da preparação para o empreendedorismo, nomeadamente no contexto das universidades, preparando os novos profissionais não apenas para as competências de gestão e planeamento, mas também para a capacidade de perceber o mundo, as suas oportunidades e o modo adequado de as aproveitar para construir valor, para si e para os contextos de vida.

Desse modo é crucial um ensino cada vez mais pautado pelos seguintes eixos: a) o sentido de respeito pela dimensão global e intergrupar da existência humana; b) a interconexão entre capacidades e oportunidades, entre saber, querer e poder; c) a possibilidade de erro como algo de inerente a processos de aprendizagem e criatividade e a recusa do “conhecimento pronto”; d) a necessidade de cooperar na prossecução de dinâmicas de desenvolvimento sustentáveis, logo, de criação de futuros possíveis.

Portugal

Entre os anos de 2010 e 2013, a DITS – Divisão de Inovação e Transferências de Saber da Universidade de Coimbra (UC) - realizou uma pesquisa no âmbito da UC, do Instituto Politécnico de Coimbra - IPC e do Instituto Politécnico de Leiria – IPL, que pretendia analisar o real impacto destas instituições no fomento do empreendedorismo e inovação, aferindo se as atividades pedagógicas e académicas existentes nas mesmas eram congruentes com as necessidades referidas por seus estudantes. Destaca-se que neste estudo os autores focaram-se na vertente de criação de empresas.

O estudo apresentava como Objetivo Geral “Dar suporte à tomada de decisão, naquilo que é a definição das ações de estímulo ao empreendedorismo e inovação, a desenvolver pelas entidades de ensino superior, por forma a maximizar o impacto das mesmas, de forma congruente com as expectativas dos estudantes e as melhores práticas mundiais nesta matéria” (DITS, 2013). Adicionalmente, o estudo contava com os seguintes Objetivos Específicos:

- (1) Entender a posição do estudante perante a temática do empreendedorismo na Universidade de Coimbra - UC, Instituto Politécnico de Coimbra – IPC e Instituto Politécnico de Leiria – IPL;
- (2) Analisar a sua percepção das iniciativas de estímulo ao empreendedorismo e inovação desenvolvidos pelas entidades de ensino superior;

(3) Descobrir o perfil do estudante empreendedor.

Em novembro de 2018, foi lançado no âmbito dos projetos Poliempreende e *Poli Entrepreneurship Innovation Network* (PIN), o livro intitulado: Competências empreendedoras no Ensino Superior Politécnico: Motivos, influências, serviços de apoio e educação. O referido estudo foi realizado em toda a rede politécnica, apresentando, em nossa opinião, um bom Enquadramento Teórico, situando a Europa e o Empreendedorismo, O Ensino Superior e o Empreendedorismo, Ambientes Empreendedores, Competências Empreendedoras, Perfil e Motivações para empreender. A publicação traz consigo, 04 Estudos Empíricos acerca da Formação em empreendedorismo, Motivações, potencial empreendedor dos estudantes do ensino superior politécnico português, além da validação psicométrica de escalas do Questionário de Motivações Empreendedoras dos estudantes, bem como um estudo preditivo do potencial empreendedor destes. O referido livro é finalizado com Reflexões finais sobre Competências empreendedoras no Ensino Superior Politécnico Português.

Portanto, realizar um estudo desta dimensão e qualidade no âmbito do ensino superior de uma grande universidade portuguesa, como a Universidade de Coimbra, trará não apenas para sua comunidade interna, mas para o ensino superior em universidades um diagnóstico sobre as expectativas de seus discentes, e porque não dizer, uma reflexão sobre sua prática frente ao ensino/estímulo do empreendedorismo e inovação sob o viés das Competências Empreendedoras

METODOLOGIA

Com o intuito de alcançar o balizamento para a observação da realidade pesquisada, em que o objeto de estudo é o autoposicionamento e autopercepção dos discentes da UC frente ao Empreendedorismo e Inovação, buscando avaliar o potencial empreendedor dos indivíduos, bem como verificar se a instituição de ensino os tem estimulado/auxiliado no desenvolvimento de competências empreendedoras e de inovação, esta pesquisa encontra-se alicerçada na literatura existente que explora as características psicológicas de um empreendedor, notadamente Hian Chye Koh (Koh,1996) e Mark Parkinson (Parkinson, 2006). Os autores citados representam a escola de pensamento (vertente psicológica do estudo do empreendedorismo) e defensora da ideia que por detrás das atitudes empreendedoras dos indivíduos existe um conjunto de características psicológicas. Afirmam ainda que tais características, resumidas no Quadro 01, são capazes de distinguir aqueles propensos a serem empreendedores daqueles que não são.

Características	Definições
Necessidades de realização (Need for achievement)	<ul style="list-style-type: none"> Indivíduos com esta característica possuem um forte desejo de serem bem-sucedidos e são, conseqüentemente, mais propensos a atitudes empreendedoras.
Auto-controlo (Locus of control)	<ul style="list-style-type: none"> Característica ligada à percepção dos indivíduos acerca dos rumos de suas próprias vidas. Assim, indivíduos com auto-controlo acreditam que são capazes de controlar o rumo de suas vidas, enquanto os que não possuem auto-controlo acreditam que os eventos de suas vidas são causas de factores externos, como a sorte ou o azar.
Propensão ao risco (Propensity to risk)	<ul style="list-style-type: none"> Esta característica está ligada aos indivíduos cujas atitudes se orientam em direcção à tomada de decisão em contexto de incerteza. Salienta-se a questão de o risco incorrido constitui um risco controlado.
Tolerância a incerteza (Tolerance of ambiguity)	<ul style="list-style-type: none"> Diz-se haver uma situação ambígua onde haja insuficiente informação. Indivíduos capazes de perceberem estas situações e organizarem a informação disponível para então actuarem são dotados da característica em questão.
Auto-Confiança (Self-confidence)	<ul style="list-style-type: none"> Característica ligada à percepção positiva e confiante de um indivíduo sobre si próprio, sobre suas capacidades e habilidades.
Inovação (Innovativeness)	<ul style="list-style-type: none"> Está relacionada com a procura e desenvolvimento de actividades novas ou de novas formas de desenvolvê-las.

Quadro 01 – Principais características psicológicas associadas aos empreendedores.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Ferreira *et al* (2009).

Sobre Competências Empreendedoras foi adotada a visão proposta por Martin Lackéus (2015) que define competências empreendedoras como conhecimentos, habilidades e atitudes que afetam a disposição e a capacidade para executar o trabalho empreendedor de criação de novo valor. Nesta investigação as Competências Empreendedoras foram consideradas sob o viés de Habilidades e Atitudes, uma vez que o item Conhecimentos foi englobado pela Entrepreneurial Potencial Indicator. Desta forma, têm-se as definições acerca das Habilidades no Quadro 02 e acerca das Atitudes no Quadro 03. Esta definição alinha com grande parte da literatura sobre competências em geral, bem como sobre competências empreendedoras (Burgoyne, 1989; Mitchelmore; Rowley, 2010).

Habilidades	Competências de marketing	Realizar pesquisas de mercado. Avaliação de mercado. Marketing de produtos e serviços. Persuasão. Lidar com clientes. Comunicar uma visão.
	Competências financeiras	Criar um plano financeiro. Criar um plano de negócio. Obter financiamento. Assegurar o acesso a recursos.
	Competências de oportunidade	Reconhecer e atuar sobre oportunidades de negócio e outro tipo de oportunidades. Competências de desenvolvimento de produto, serviço ou conceito.
	Competências interpessoais	Liderança. Motivar os outros. Gerir pessoas. Resolver conflitos. Socializar.
	Competências de aprendizagem	Aprendizagem ativa. Adaptação a novas situações. Lidar com a incerteza.
	Competências estratégicas	Definir prioridades. Focalização em objetivos. Definir uma visão. Desenvolver uma estratégia. Identificar parceiros estratégicos.

Quadro 02 – Competências Empreendedoras: Habilidades.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Lackéus (2015).

Atitudes	Desejo empreendedor	“Eu quero”. Necessidade de realização.
	Autoeficácia	“Eu consigo”. Crença na capacidade de executar certas tarefas com sucesso.
	Identidade empreendedora	“Eu sou/Eu tenho valor”. Crenças pessoais. Identidade de papel. Valores.
	Proatividade	“Eu faço”. Orientação para a ação. Iniciativa. Proatividade.
	Incerteza / tolerância à ambiguidade	“Eu arrisco”. Conforto com a incerteza e ambiguidade. Adaptabilidade. Abertura a surpresas.
	Inovação	“Eu crio”. Novos pensamentos e ações. Imprevisibilidade. Visão. Criatividade. Capacidade de mudança.
	Perseverança	“Eu supero”. Capacidade de superação de dificuldades e circunstâncias adversas.

Quadro 03 – Competências Empreendedoras: Atitudes.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Lackéus (2015).

Por fim, visando delinear o perfil dos respondentes foram solicitados os dados do Quadro 04 – Dados dos Respondentes.

Gênero;	Faculdade;	Ano que frequenta;
Idade;	Departamento (se houver);	Já cursou outro curso nesta Instituição de Ensino Superior (IES)?
Nacionalidade;	Designação do Curso;	Em caso afirmativo, informe: Qual o curso? Quando?
Residência (fora do período letivo);	Tipo de curso;	Tem formação específica (pós-graduação) em Empreendedorismo?
Estatuto;	Ano de entrada;	Em caso afirmativo, informe: Qual o curso? Quando?

Quadro 04 – Dados dos Respondentes.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Devido à ausência de consenso na definição de conceito e aspectos metodológicos entre os diversos autores da área de ciências sociais e aplicadas, neste estudo adotou-se a classificação apresentada por Gil (2008). Desta forma, esta pesquisa foi classificada quanto aos objetivos, à natureza da pesquisa e aos procedimentos técnicos, do seguinte modo:

- i. Quanto aos objetivos estabelecidos no trabalho científico, trata-se de uma Pesquisa Descritiva;
- ii. Quanto ao desenho metodológico empregado pode-se classificá-la como uma pesquisa de enfoque predominantemente quantitativo.

Opta-se pela aplicação de questionários, como técnica de pesquisa, por envolver a obtenção de dados predominantemente descritivos. Para a análise dos dados coletados foram consideradas a Estatística Descritiva, bem como inferências baseadas no referencial teórico apresentado. Nesta investigação, além de questões abertas e de múltipla escolha, foi adotada a escala de Likert de 1 a 5, em que: 1 - Discordo plenamente; 2 - Discordo; 3 - Não sei; 4 - Concordo; e 5 - Concordo plenamente. Ela é comumente utilizada em pesquisas para medir atitudes de indivíduos, buscando identificar em que medida está de acordo ou desacordo com uma pergunta em particular ou uma assertiva. Em seu uso devem-se diferenciar os dados ordinais e de intervalo, porque os dois tipos requerem diferentes abordagens analíticas de pesquisa. Quando os dados são ordinais, pode-se decidir que uma pontuação é mais alta que outra, mas não quanto mais alta é. Por isso, diversos autores recomendam iniciar a análise dos dados da escala de Likert com a estatística descritiva.

Destaca-se ainda a utilização da “Moda”, a resposta mais frequente, como medida de tendência central nesta pesquisa. Sua adoção facilita a interpretação dos resultados da pesquisa, na medida em que a distribuição das respostas e consequentemente seus resultados podem ser visualizados em forma de percentagens por tendência, em forma de gráficos, como realizado nesta investigação.

OBJECTIVOS DA PESQUISA

Esta investigação encontra-se inserida numa pesquisa que tem por objetivo geral **Identificar como o ensino de competências empreendedoras e o estímulo a inovação na Universidade de Coimbra podem influenciar o potencial empreendedor de seus estudantes**. Adicionalmente, têm-se os seguintes objetivos específicos:

- I. Identificar o potencial empreendedor dos estudantes da Universidade de Coimbra;
- II. Identificar as concepções dos estudantes sobre o conceito de inovação e a sua aplicabilidade;
- III. Verificar, a partir das percepções dos estudantes, se a instituição de ensino os tem estimulado/auxiliado no desenvolvimento de competências empreendedoras e de inovação.

Objectivos da investigação

Constituindo-se como a primeira etapa da pesquisa acima citada, esta investigação tem por objetivo geral **Realizar um diagnóstico inicial (pré-teste) acerca do perfil empreendedor dos estudantes da Universidade de Coimbra**. Adicionalmente, têm-se os seguintes objetivos específicos:

- I. Realizar um levantamento bibliográfico sobre o ensino de competências empreendedoras e de estímulo à inovação;
- II. Determinar (Identificar e/ou construir) uma escala acerca de “Atitudes Empreendedoras”;
- III. Determinar (Identificar e/ou construir) uma escala acerca de “Competências Empreendedoras”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, apresentam-se as análises e a discussão dos resultados alcançados a partir da coleta de dados de 77 questionários. Ressalta-se que as mesmas se referem ao pré-teste aplicado e validado na comunidade acadêmica da UC.

P01 – PERFIL DOS DISCENTES

Nesta etapa da análise serão apresentados os dados coletados relacionados à caracterização dos discentes. Com uma média de idade, 22,55 anos, calculada a partir dos dados informados pelos sujeitos de pesquisa, percebe-se um grupo de discentes certamente adaptados à rotina e processos acadêmicos da instituição de ensino superior em questão. Observa-se ainda uma predominância feminina, 63,64% entre os respondentes.

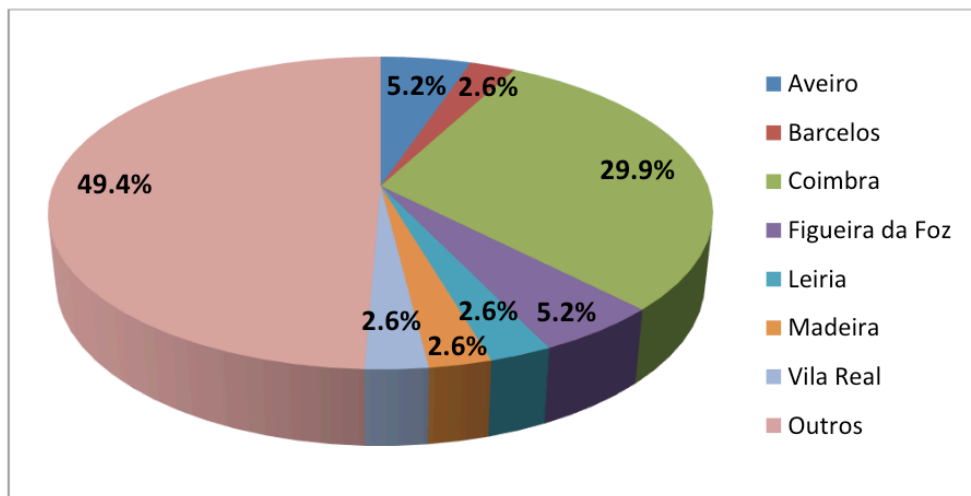


Gráfico 01 – Local de residência.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Outra característica interessante pode ser observada a partir do Gráfico 01, com os locais de residência dos discentes. Percebe-se que a grande maioria deles, reside fora da cidade de Coimbra (70,1%), o que denota o interesse e relevância da UC, uma vez que as deslocamentos não representam impedimento para a frequência em um dos cursos na referida IES. Outro dado que reforça esta observação é que aproximadamente 12% afirmaram já terem realizado anteriormente outro curso na UC. Pode-se observar, conforme o Gráfico 02, que neste pré-teste, apenas portugueses (84,42%) e brasileiros (15,58%) aderiram à

solicitação de participação nesta investigação.

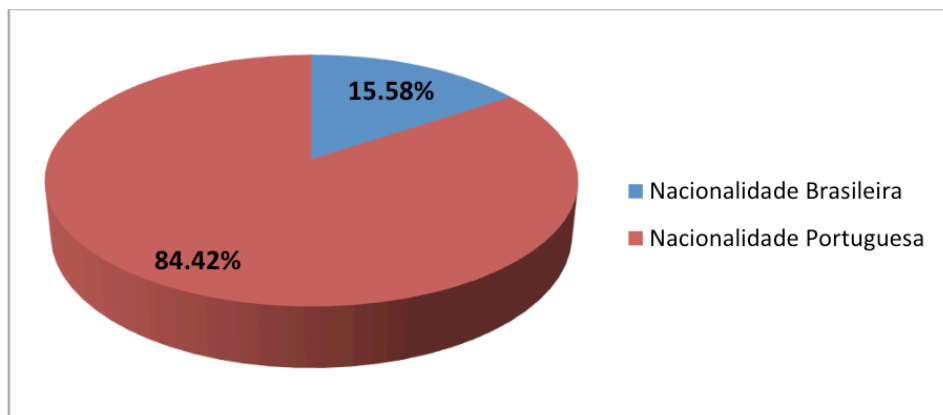


Gráfico 02 – Nacionalidade do discente.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Considerando as 08 faculdades constituintes da UC, a saber: FCDEF (Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física), FEUC (Faculdade de Economia), FFUC (Faculdade de Farmácia), FLUC (Faculdade de Letras), FMUC (Faculdade de Medicina), FPCE (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação), FCTUC (Faculdade de Ciências e Tecnologia) e FDUC (Faculdade de Direito), apenas esta última não foi representada no pré-teste, denotando a necessidade de uma maior divulgação ou mudança na abordagem entre os seus discentes, conforme o Gráfico 03 – Faculdade x Discentes.

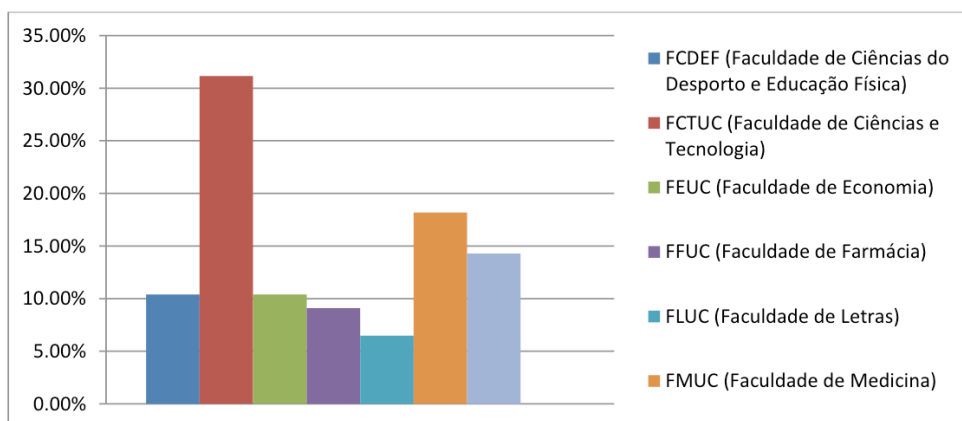


Gráfico 03 – Faculdade x Discentes.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Observando o Gráfico 04 – Discente X Actividade laboral, percebe-se que a grande maioria (71,43%) dos discentes não exerce actividade laboral. Dos que exercem, (11,69%) o fazem para obter experiência profissional, o mesmo percentual ocorre para complementar os seus rendimentos mensais, enquanto (5,19%) trabalham para melhorar o seu *network* profissional. Destaca-se que do total dos indivíduos que exercem actividade laboral, (77,27%) o fazem em tempo integral (Período de férias e período de aulas), enquanto apenas (22,73%) no período de férias.

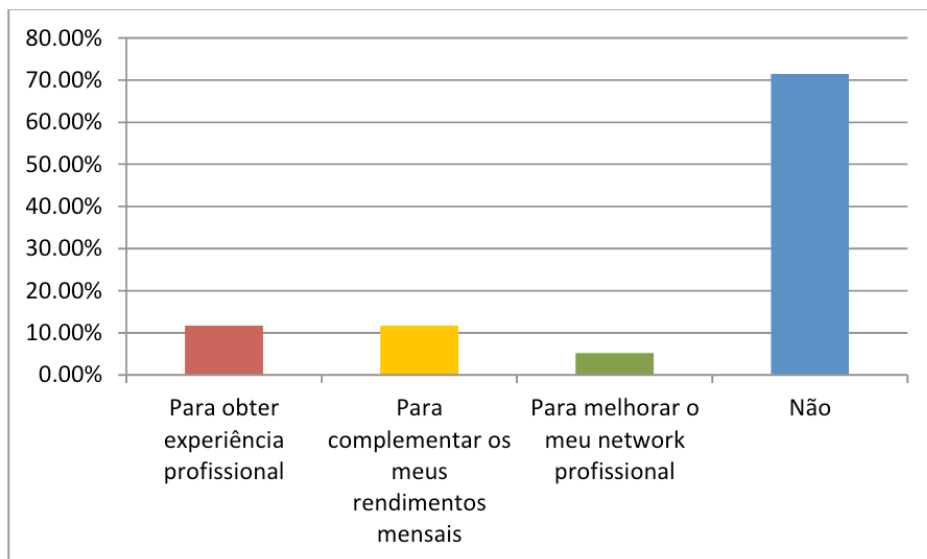


Gráfico 04 – Discente X Actividade laboral.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Prosseguindo com a análise do perfil dos respondentes, verifica-se que quando indagados se possuíam uma formação específica em Empreendedorismo, (6,49%) responderam afirmativamente. Este número praticamente quadruplica (24,68%) quando questionados se já haviam participado de alguma atividade sobre empreendedorismo ou criação do próprio emprego. Quando questionados se “Colabora/colaborou/coordena/coordenou algum projeto?” nota-se que (33,77%) deles responderam afirmativamente. Destaca-se adicionalmente que deste percentual, (53,85%) não exercem atividade laboral o que denota um comportamento muito positivo e que certamente agregará habilidades e competências ao futuro profissional. Foram citados projetos nas seguintes áreas: Empreendedorismo e Inovação, Saúde Mental, Voluntariado, Inclusão social de jovens e crianças institucionalizados, Automatização, Desenvolvimento de Software,

Sustentabilidade, Inconformismo e Associativismo, dentre outros.

Finalizando a análise dos dados dos respondentes, uma característica de grande relevância apresentou um resultado surpreendentemente positivo: (66,23%) destes indivíduos fazem ou fizeram voluntariado, conforme o Gráfico 05. Foram citadas, dentre outras atividades de voluntariado, as seguintes: Ação social, Emergência Pré-Hospitalar, Ações humanitárias, Banco alimentar, Auxiliar em investigação, Cruz Vermelha, Orfanato e Explicações, Recolha de alimentos, entrega de refeições quentes a idosos.

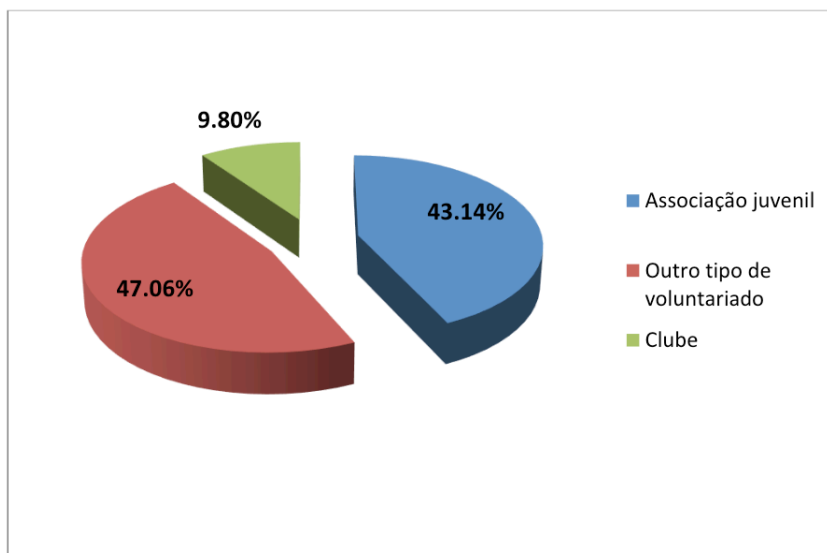


Gráfico 05 – Tipo de voluntariado.

Fonte: Elaborado pelo autor.

P02 – ATITUDES EMPREENDEDORAS DOS DISCENTES

A parte P02 do instrumento de coleta, relativa às Atitudes Empreendedoras dos discentes (Perfil empreendedor), foi composta por 15 assertivas (*Entrepreneurial Potencial Indicator*). Considerando que cada uma das questões desta etapa, em geral, media mais do que uma das características empreendedoras, optou-se por agrupá-las, ou seja, associar cada característica a um conjunto de questões, conforme se pode verificar no Quadro 05.

Característica	Questão	Afirmações	Média (1: não concordo de todo ... 5: concordo plenamente)	% de indivíduos que respondem 4 ou 5
Propensão ao risco	9.1	Poder-me-ia descrever como um apostador	3,08	44,16%
	9.6	Acredito que incorro em grandes riscos, mais do que as pessoas em geral	2,90	33,77%
	9.9	Não começo nada sem antes ter um plano de acção	3,36	61,04%
	9.11	Tenho sempre meu dinheiro debaixo de vista	3,57	66,23%
	9.15	Tomo sempre decisões racionais	3,45	61,04%
		Propenso ao risco (dummy, em que 1: indivíduos que respondem 4 ou 5 a pelo menos 3 afirmações; 0: outros casos)	3,27	44,16%
Tolerância à incerteza	9.7	Desencorajo-me facilmente quando as coisas não funcionam à minha maneira	2,42	24,68%
	9.9	Não começo nada sem antes ter um plano de acção	3,36	61,04%
	9.10	Tenho facilidade para lidar com situações ambíguas	3,69	68,83%
	9.15	Tomo sempre decisões racionais	3,45	61,04%
		Tolerância à incerteza (dummy, em que 1: indivíduos que respondem 4 ou 5 a pelo menos 3 afirmações; 0: outros casos)	3,45	50,65%
Necessidade de realização	9.2	Tenho uma forte necessidade para trabalho independente	3,55	63,64%
	9.12	Sou bem sucedido em ultrapassar desafios e problemas	3,90	81,82%
	9.13	Uma vez iniciado um projecto, sigo em frente até o final	4,10	84,42%
	9.14	Acredito que a falha é somente uma oportunidade de aprendizagem	4,08	84,42%
		Necessidade de realização (dummy, em que 1: indivíduos que respondem 4 ou 5 a pelo menos 3 afirmações; 0: outros casos)	3,91	85,71%
Auto-controlo	9.2	Tenho uma forte necessidade para trabalho independente	3,55	63,64%
	9.3	Faço uma distinção clara entre trabalho e lazer	3,51	66,23%
	9.4	Acredito que fazemos a nossa própria sorte	3,74	74,03%
		Auto-controlo (dummy, em que 1: indivíduos que respondem 4 ou 5 a pelo menos 2 afirmações; 0: outros casos)	3,60	81,82%

Auto-confiança	9.2	Tenho uma forte necessidade para trabalho independente	3,55	63,64%
	9.8	Frequentemente sigo as minhas intuições	3,95	83,12%
	9.12	Sou bem sucedido em ultrapassar desafios e problemas	3,90	81,82%
	9.14	Acredito que a falha é somente uma oportunidade de aprendizagem	4,08	84,42%
		Auto-confiança (dummy, em que 1: indivíduos que respondem 4 ou 5 a pelo menos 3 afirmações; 0: outros casos)	3,87	81,82%
Inovação	9.5	Sou uma pessoa sempre com ideias e soluções distintas e novas	3,84	76,62%
		Inovação (dummy, em que 1: indivíduos que respondem 4 ou 5 à afirmação; 0: outros casos)	3,84	76,62%
Atitudes de empreendedor (dummy, em que 1: indivíduos que têm pelo menos 4 características; 0: outros casos)			3,66	76,62%

Quadro 05 – Atitudes Empreendedoras dos Discentes.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Ferreira *et al* (2009)

Assim como Ferreira *et al* (2009), esta investigação criou variáveis *dummies* cujo objectivo era medir se o indivíduo possuía ou não a(s) característica(s) empreendedora. Como observado acima, a característica “Propensão ao risco” foi medida por 5 afirmações, as características: “Tolerância à incerteza”, “Necessidade de realização” e “Auto-confiança” por 4 afirmações, a característica “Auto-controlo” por 3 afirmações e por fim, a característica “Inovação” por apenas 1 afirmação.

Tal como os autores acima citados, a variável *dummy* criada, assumiu o valor de 1 (significando que possuía tal característica empreendedora) quando o indivíduo respondeu que concordava ou concordava plenamente – valores de 4 e 5 na escala de Likert – a, pelo menos, 3 dessas afirmações, para as características: Propensão ao risco, “Tolerância à incerteza”, “Necessidade de realização” e “Auto-confiança”, a, pelo menos, 2 dessas afirmações, para a característica “Auto-controlo” e a 1 afirmação na característica “Inovação”.

A partir deste ponto, havia condições de verificar quais os indivíduos da investigação possuíam, ou não, propensão ao empreendedorismo (empreendedores potenciais). Para tal constatação, foi criada outra variável *dummy* que assumiu o valor de 1 quando o indivíduo possuísse 4 ou mais dessas 6 características. Como observado no Quadro 06, mais de metade dos inquiridos apresentou competências empreendedoras (76,62%) dos 77 respondentes (59 indivíduos) são propensos ao empreendedorismo, enquanto (23,38%) não. Este resultado configura-se como muito positivo.

Como pode ver-se no Gráfico 06 – Capacidade empreendedora X Características

empreendedoras, a característica empreendedora que mais se destaca, pela positiva, é a “Necessidade de realização” (85,71%). Em seguida, bem de perto vieram as características “Auto-confiança” e “Auto-controlo” empatadas com (81,82%). Por isso, pode dizer-se que se trata de alunos que possuem um forte desejo de serem bem-sucedidos, que possuem percepção positiva e confiante sobre si próprio, sobre suas capacidades e habilidades, acreditam serem capazes de controlar o rumo de suas vidas (não dependendo de factores externos, como a sorte ou o azar), e são, conseqüentemente, mais propensos a atitudes empreendedoras.

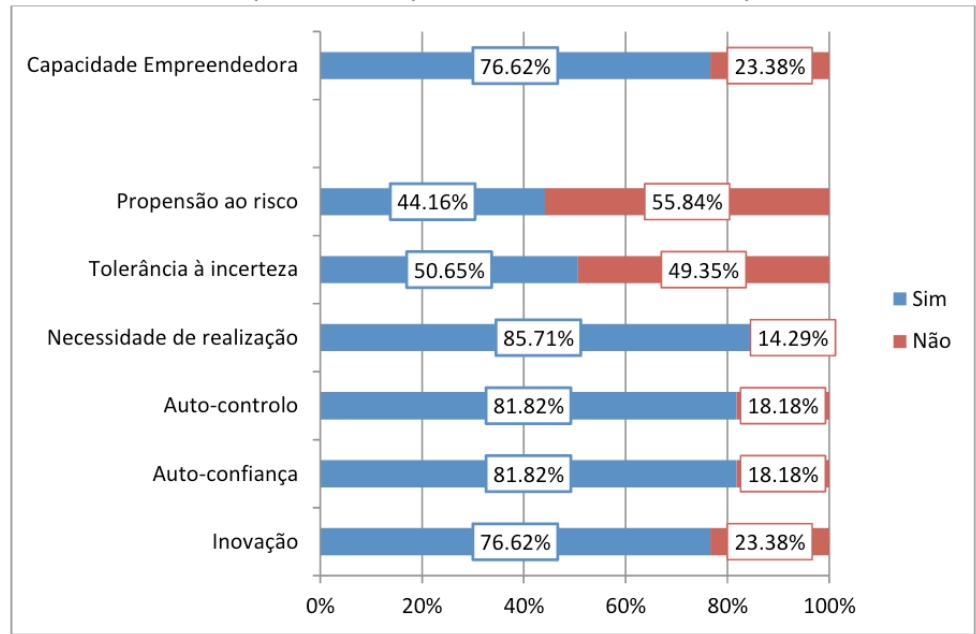


Gráfico 06 – Capacidade empreendedora X Atitudes empreendedoras.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Destacam-se, pela negativa, as características “Propensão ao risco”, com apenas (44,16%) e “Tolerância a incerteza”, com (50,65%). Trata-se de dois pontos, que podem ser colmatados com formação que incida no estímulo à tomada de decisões arriscadas, mas, devidamente, fundamentadas em planos de ação, previamente, definidos, salientando-se que a questão de o risco incorrido constituir um risco controlado. De modo análogo, quando diante de uma situação ambígua onde haja insuficiente informação, esses planos de ação bem fundamentados, darão a estes profissionais o suporte para perceberem estas situações e organizarem a informação disponível para então actuarem.

Depreende-se ainda a partir da Moda, evidenciada de forma mais detalhada

apresentando cada uma das 15 assertivas utilizadas para evidenciar as características empreendedoras no Quadro 06 – Atitudes Empreendedoras dos Discentes X Moda, que na percepções dos estudantes mais da metade dos mesmos, (52,26%), apresentam comportamento positivo em relação à Capacidade Empreendedora.

Característica	Afirmações	Moda	% de indivíduos na Moda
Propensão ao risco	Poder-me-ia descrever como um apostador	Concordo	37,66%
	Acredito que incorro em grandes riscos, mais do que as pessoas em geral	Discordo	29,87%
	Não começo nada sem antes ter um plano de acção	Concordo	50,65%
	Tenho sempre meu dinheiro debaixo de vista	Concordo	51,95%
	Tomo sempre decisões racionais	Concordo	51,95%
			43,90%
Tolerância à incerteza	Desencorajo-me facilmente quando as coisas não funcionam à minha maneira	Discordo	45,45%
	Não começo nada sem antes ter um plano de acção	Concordo	50,65%
	Tenho facilidade para lidar com situações ambíguas	Concordo	58,44%
	Tomo sempre decisões racionais	Concordo	51,95%
			46,10%
Necessidade de realização	Tenho uma forte necessidade para trabalho independente	Concordo	50,65%
	Sou bem sucedido em ultrapassar desafios e problemas	Concordo	71,43%
	Uma vez iniciado um projecto, sigo em frente até o final	Concordo	53,25%
	Acredito que a falha é somente uma oportunidade de aprendizagem	Concordo	54,55%
			57,47%
Auto-controlo	Tenho uma forte necessidade para trabalho independente	Concordo	50,65%
	Faço uma distinção clara entre trabalho e lazer	Concordo	57,14%
	Acredito que fazemos a nossa própria sorte	Concordo	53,25%
			53,68%
Auto-confiança	Tenho uma forte necessidade para trabalho independente	Concordo	50,65%
	Frequentemente sigo as minhas intuições	Concordo	66,23%
	Sou bem sucedido em ultrapassar desafios e problemas	Concordo	71,43%
	Acredito que a falha é somente uma oportunidade de aprendizagem	Concordo	54,55%
			60,71%

Inovação	Sou uma pessoa sempre com ideias e soluções distintas e novas	Concordo	76,62%
			76,62%
			52,26%

Quadro 06 – Atitudes Empreendedoras dos Discentes X Moda.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Finalizando a análise da etapa P02 do questionário, acerca das Atitudes Empreendedoras dos discentes, apresenta-se o Gráfico 07 – Moda X Atitudes empreendedoras que destaca a característica empreendedora “Inovação”, com (76,62%) dos respondentes concordando parcialmente que procuram e desenvolvem actividades novas ou novas formas de desenvolvê-las, configurando-se de modo análogo ao resultado anterior, como positivo.

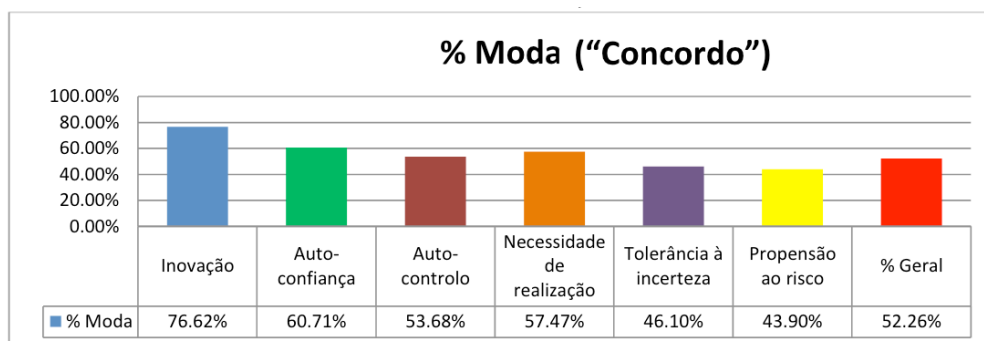


Gráfico 07 – Moda X Atitudes empreendedoras.

Fonte: Elaborado pelo autor.

P03 – COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS E FORMAÇÃO

Nesta subseção, apresenta-se a análise dos dados coletados a partir da etapa P03 do instrumento de coleta, relativa às Competências Empreendedoras e Formação. Para tanto, foram elaboradas 26 assertivas, sendo 12 destas relacionadas às 06 habilidades empreendedoras (Competências de marketing, Competências financeiras, Competências de oportunidade, Competências interpessoais, Competências de aprendizagem e Competências estratégicas) e 14 assertivas relativas às atitudes empreendedoras (Desejo empreendedor, Autoeficácia, Identidade empreendedora, Proatividade, Incerteza / tolerância à ambiguidade, Inovação e Perseverança).

Foram elaboradas 02 assertivas para cada uma das 13 características (6 habilidades

e 7 atitudes), sendo a primeira com viés afirmativo – no qual o respondente ao escolher as opções 4 (Concordo) e 5 (Concordo plenamente) da escala Likert indicam a presença tanto da habilidade, quanto da atitude empreendedora e a segunda de modo reverso, negativo, onde tais características foram consideradas manifestadas quando o indivíduo escolheu as opções 1 (Discordo totalmente) e 2 (Discordo) da referida escala. Para efeito de análise baseada na Moda, sem perda de qualidade, todas as assertivas reversas foram tratadas considerando as respostas tipo 1 (Discordo totalmente), como 5 (Concordo plenamente) e as respostas tipo 2 (Discordo) como 4 (Concordo). Observa-se no Quadro 07 que praticamente metade deles (49,13%) se autopercebem com Habilidades de empreendedor.

Característica	Questão	Afirmações	Moda	% de indivíduos na Moda
Competências de marketing	Q01	“A minha formação tem me capacitado a defender ideias.”	Concordo	50,65%
	Q02	“Não me sinto preparado para defender ideias.”	Concordo	46,75%
	Moda: Competências de marketing		Concordo	48,70%
Competências financeiras	Q03	“Sinto-me capaz de obter recursos para viabilizar ideias.”	Concordo	50,65%
	Q04	“Desconheço modos de viabilizar ideias.”	Concordo	38,96%
	Moda: Competências financeiras		Concordo	44,81%
Competências de oportunidade	Q05	“Sou desafiado a propor ideias/soluções.”	Concordo	55,84%
	Q06	“Sinto-me despreparado para identificar oportunidades.”	Concordo	45,45%
	Moda: Competências de oportunidade		Concordo	50,65%
Competências interpessoais	Q07	“Sou estimulado a assumir projetos e orientar meus colegas de grupo.”	Concordo	42,86%
	Q08	“No meu curso há mais competição do que colaboração.”	Concordo	38,96%
	Moda: Competências interpessoais		Concordo	40,91%
Competências de aprendizagem	Q09	“Sou motivado a pensar criticamente durante as aulas.”	Concordo	46,75%
	Q10	“Não percebo a aplicabilidade da minha formação.”	Concordo	63,64%
	Moda: Competências de aprendizagem		Concordo	55,19%

Competências estratégicas	Q11	“Consigo distribuir as tarefas no tempo que me é dado.”	Concordo	50,65%
	Q12	“Tenho dificuldades em definir objetivos realistas.”	Concordo	58,44%
	Moda: Competências estratégicas		Concordo	54,55%
Habilidades de empreendedor				49,13%

Quadro 07 – Competências Empreendedoras: Habilidades um resumo apresentando as relações: Moda X Assertiva e Moda X Habilidades.

Fonte: Elaborado pelo autor.

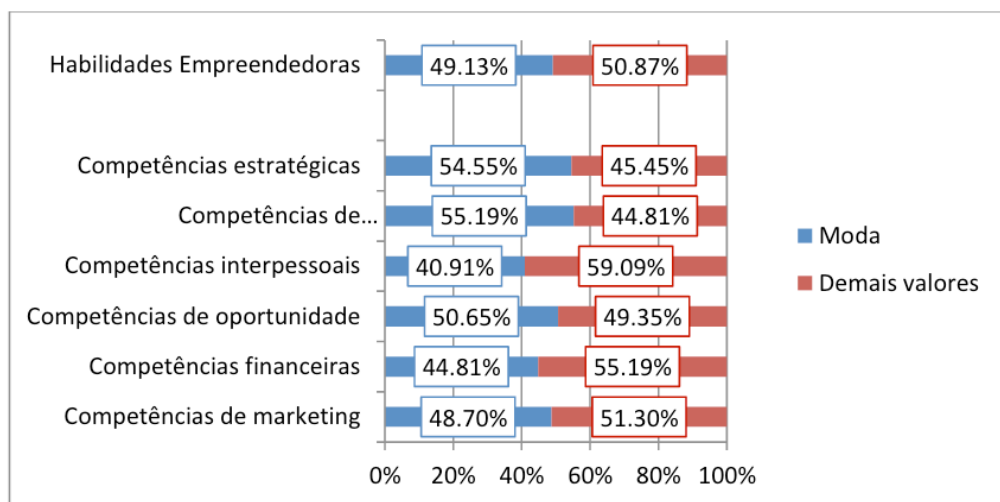


Gráfico 08 – Competências Empreendedoras: Habilidades X Moda.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Realizando uma análise comparativa entre o Gráfico 08 - Competências Empreendedoras: Habilidades X Moda e o Gráfico 09 – Concordo e Concordo plenamente: Habilidades consideram-se como positivos os resultados obtidos, uma vez que nas percepções dos estudantes estes têm desenvolvido no ambiente acadêmico, habilidades empreendedoras. A saber:

1. Competências de marketing:
 - a. De acordo com a Moda 48,70% dos respondentes concordaram parcialmente com as assertivas;
 - b. 68,83% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas.

2. Competências financeiras:
 - a. De acordo com a Moda 44,81% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas;
 - b. 57,79% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas.
3. Competências de oportunidade:
 - a. De acordo com a Moda 50,65% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas;
 - b. 61,69% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas.
4. Competências interpessoais:
 - a. De acordo com a Moda 40,91% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas;
 - b. 55,19% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas.
5. Competências de aprendizagem:
 - a. De acordo com a Moda 55,19% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas;
 - b. 74,03% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas.
6. Competências estratégicas:
 - a. De acordo com a Moda 54,55% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas;
 - b. 69,48% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas.

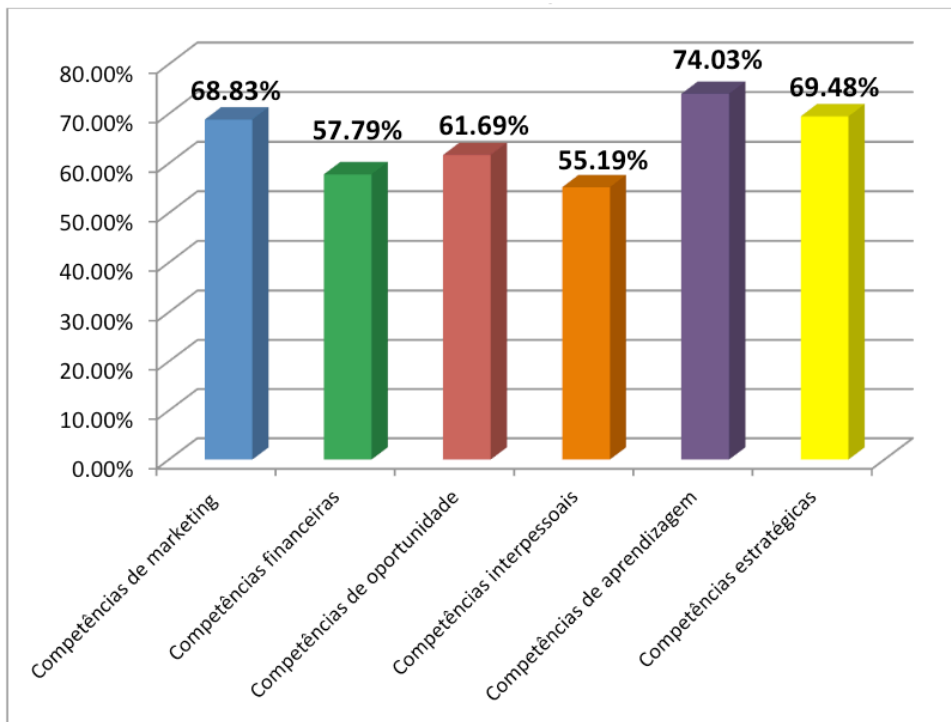


Gráfico 09 – Concordo e Concordo plenamente: Habilidades.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Encontra-se no Quadro 08 – Competências Empreendedoras: Atitudes um resumo apresentando as relações: Moda X Assertiva e Moda X Atitudes.

Característica	Questão	Afirmações	Moda	% de indivíduos na Moda
Desejo empreendedor	Q13	“Eu quero realizar um trabalho bem feito sempre.”	Concordo plenamente	57,14%
	Q14	“Eu penso mais nos efeitos do fracasso do que nos resultados do sucesso.”	Discordo	29,87%
	Moda: Desejo empreendedor		Concordo plenamente	35,71%
Autoeficácia	Q15	“Eu consigo realizar as atividades a que me proponho.”	Concordo	59,74%
	Q16	“Eu preciso de orientação para realizar satisfatoriamente minhas atividades.”	Discordo	44,16%
	Moda: Autoeficácia		Concordo	41,56%
Identidade empreendedora	Q17	“Eu sou motivado por desafios que ampliem minhas habilidades.”	Concordo	51,95%
	Q18	“Ainda não me sinto preparado.”	Discordo	32,47%
	Moda: Identidade empreendedora		Concordo	40,26%
Proatividade	Q19	“ Eu costumo planejar minhas ações.”	Concordo	62,34%
	Q20	“Acredito que as oportunidades surgirão aleatoriamente.”	Discordo	36,36%
	Moda: Proatividade		Concordo	45,45%
Incerteza / tolerância à ambiguidade	Q21	“Se eu acreditar numa ideia eu arrisco a investir o meu tempo e os meus recursos para realizá-la.”	Concordo	62,34%
	Q22	“Eu não gosto de mudanças inesperadas nas minhas rotinas diárias.”	Concordo	36,36%
	Moda: Incerteza / tolerância à ambiguidade		Concordo	49,35%
Inovação	Q23	“Minha capacidade criativa é estimulada durante o meu curso.”	Concordo	38,96%
	Q24	“Percebo que as minhas idéias algumas vezes são desvalorizadas.”	Discordo	50,65%
	Moda: Inovação		Discordo	38,96%

Perseverança	Q25	“Eu procuro superar os obstáculos na minha formação.”	Concordo	75,32%
	Q26	“Costumo estagnar diante das dificuldades.”	Concordo	59,74%
	Moda: Perseverança		Concordo	67,53%
Atitudes de empreendedor			Concordo	41,88%

Quadro 08 – Competências Empreendedoras: Atitudes.

Fonte: Elaborado pelo autor.

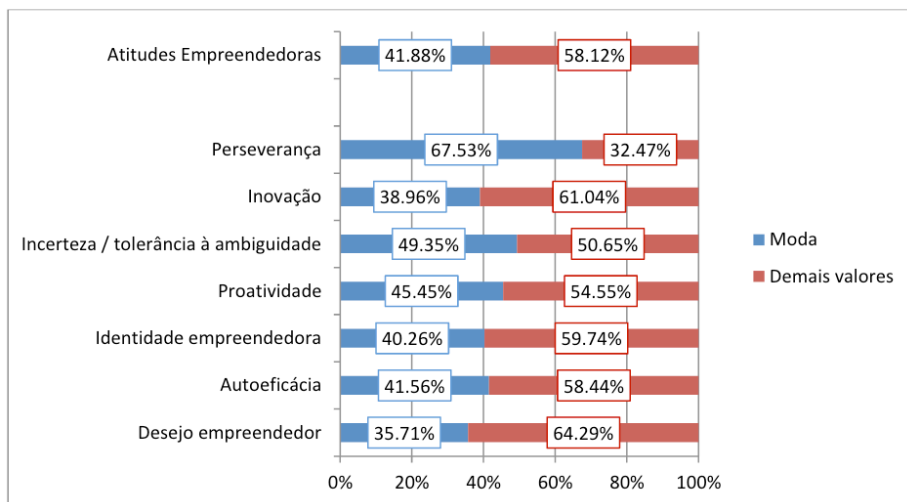


Gráfico 10 – Competências Empreendedoras: Atitudes X Moda.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Realizando uma análise comparativa entre o Gráfico 10 - Competências Empreendedoras: Atitudes X Moda e o Gráfico 11 – Concordo e Concordo plenamente: Atitudes consideram-se como positivos os resultados obtidos, uma vez que nas percepções dos estudantes estes têm desenvolvido no ambiente acadêmico atitudes empreendedoras. Pela negativa, destaca-se a inovação (conforme abaixo), configurando-se como um ponto fraco, que pode ser colmatado com formação que incida em técnicas de criatividade em ambiente de trabalho. A saber:

1. Perseverança:

- De acordo com a Moda 67,53% dos respondentes concordaram parcialmente com as assertivas;
- 86,36% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas.

2. Inovação:

- a. De acordo com a Moda 38,96% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas;
- b. 33,77% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas.

3. Incerteza / tolerância à ambiguidade:

- a. De acordo com a Moda 49,35% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas;
- b. 67,53% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas.

4. Proatividade:

- a. De acordo com a Moda 45,45% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas;
- b. 61,04% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas.

5. Identidade empreendedora:

- a. De acordo com a Moda 40,26% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas;
- b. 67,53% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas.

6. Autoeficácia:

- a. De acordo com a Moda 41,56% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas;
- b. 59,09% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas.

7. Desejo empreendedor:

- a. De acordo com a Moda 35,71% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas;
- b. 68,18% dos respondentes concordaram parcialmente ou totalmente com as assertivas.

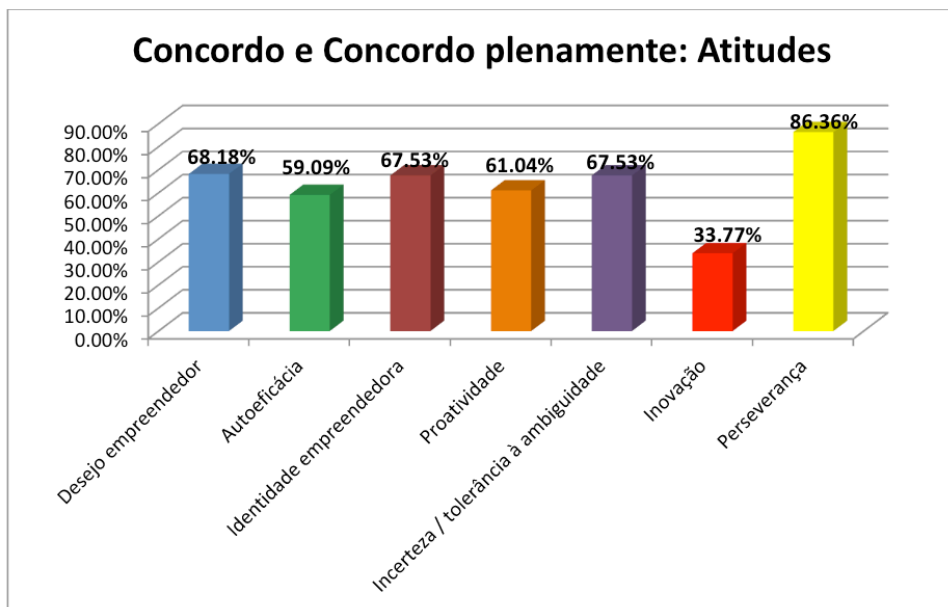


Gráfico 11 – Concordo e Concordo plenamente: Atitudes.

Fonte: Elaborado pelo autor.

APRESENTAÇÕES E PUBLICAÇÕES

Congresso Internacional “Border Crossings: Territórios e Fronteiras em Investigação”

CERTIFICADO

**Border
Crossings**
—
**Territórios
e Fronteiras
em Investigação**
8 e 9 novembro



Certifica-se que André Luiz Leite Ferreira e Cristina Pinto Albuquerque apresentaram a comunicação O ensino de competências empreendedoras e de estímulo à inovação no ensino superior no Congresso Internacional “Border Crossings: Territórios e Fronteiras em Investigação”, organizado pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra (CEIS20-UC), que teve lugar nos dias 8 e 9 de novembro de 2018, no Convento de São Francisco, em Coimbra, com a comunicação.

Coimbra, 9 de novembro de 2018



2



Ciclo comemorativo
do vigésimo aniversário
do CEIS 20
02 a 19 novembro 2018

A Organização



André Ferreira <andrellfer@gmail.com>

Submissão de texto no âmbito do Congresso Border Crossings

CEIS20 <inscricoes.ceis20@gmail.com>
Para: André Ferreira <andrellfer@gmail.com>

28 de fevereiro de 2019 09:40

Caro participante

Agradeço o envio do texto e confirmo a sua receção

Com os melhores cumprimentos

A Comissão Organizadora

CEIS20 - Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra

Rua Filipe Simões, n.º 33

3000 Coimbra

Tel.: +351 239 708 870
Fax.: +351 239 708 871
e-mail: ceis20@ci.uc.pt
URL: <http://www.ceis20.uc.pt>

Em sex, 15 de fev de 2019 às 10:19, CEIS20 <inscricoes.ceis20@gmail.com> escreveu:

Caro participante,

Na sequência do envio de e-mail anterior, relativo à manifestação de interesse em submeter o texto completo referente à comunicação apresentada no âmbito do Congresso BorderCrossings: Territórios e Fronteiras em Investigação, relembro que o prazo limite para a submissão é 28 de Fevereiro de 2019.

No caso de já ter efetuado a submissão do artigo completo por favor ignore o presente e-mail.

Recordamos que, posteriormente, se segue a fase de peerreview, obrigatória nas publicações da IUC, e aproveitamos também a oportunidade para relembrar as normas a que devem obedecer os mesmos:

1. O texto deverá ter no máximo 25.000 carateres (com espaços), incluindo referências bibliográficas e eventuais notas de rodapé.
2. Acresce um resumo do texto que deverá ter até 1.000 caracteres (com espaços), bem como cinco palavras chave em português e inglês e a indicação do ORCID do(a) autor(a).
3. As imagens deverão ser referidas e inseridas no local desejado e também enviadas em ficheiros separados.

Poderão ser usadas no máximo cinco imagens. As imagens devem ser preparadas para serem publicadas a preto e branco, embora se possa equacionar a publicação a cores de um reduzido números de imagens.

4. Todas as imagens a inserir deverão ser fornecidas pelo(a) autor(a) com a qualidade de reprodução aconselhável (mínimo: 300 dpi's, formato Tif) e devem igualmente vir acompanhadas dos respetivos créditos e das competentes declarações de autorização de cedência (em anexo). Cabe aos autores a obtenção das autorizações de reprodução das imagens, sempre que necessário.
5. O texto deve ser enviado em formato word, escrito em letra Times New Roman, n.º 12, espaçamento de 1,5 e notas de rodapé com letra n.º 10 e espaçamento simples.

6. As referências e citações devem seguir o modelo APA (American Psychological Association): https://www.uc.pt/imprensa_uc/Autores/apa.

Agradecemos toda a vossa colaboração e estamos disponíveis para esclarecer qualquer dúvida.

Renovando os nossos agradecimentos, enviamos um cordial abraço

Com os melhores cumprimentos,
A Comissão Organizadora

CIEM 2019 – 9.^a Conferência Ibérica de Empreendedorismo

De: Ciem Empreend [mailto:ciem.empreend@gmail.com]

Enviada em: 7 de dezembro de 2019 16:20

Para: undisclosed-recipients:

Assunto: Livro de resumos Ciem2019

Caro(s) autor(es),

Envio o Livro de Resumos da Ciem2019, ISBN: 978-989-97513-8-5, com as correções solicitadas.

A comissão organizadora,
Carolina Rodrigues

9.ª Conferência Ibérica de Empreendedorismo
9.ª Conferencia Ibérica de Emprendimiento



Universidade Portucalense
Porto – Portugal

14 e 15 de novembro

Resumos: Jornada Científica

Editores:

Carolina Rodrigues
Mário Carrilho Negas
Miguel Magalhães
Paulo Morais
Fernando Moreira
Cristina Sousa
Shital Jaysankar
Fátima Lobão
Orlando Rios

Edita: Empreend e UPT



ID357

O perfil de empreendedorismo e competências empreendedoras dos discentes da Universidade de Coimbra

Autores:

Cristina Albuquerque e André Ferreira

Resumo

Este estudo de caso iniciado no âmbito da Universidade de Coimbra enfoca como a adoção de competências empreendedoras e o estímulo à inovação na referida universidade podem influenciar o potencial empreendedor de seus discentes sob as seguintes perspetivas: 1) Atitudes Empreendedoras dos discentes (avaliar o potencial empreendedor dos indivíduos), 2) Perfil frente à Inovação (perfil de reação individual diante de inovações) e 3) Competências Empreendedoras e Formação (verificar se a instituição de ensino tem estimulado/auxiliado seus estudantes no desenvolvimento de competências empreendedoras e de inovação). Acredita-se que este diagnóstico possa subsidiar e orientar a tomada de decisão institucional quanto ao estímulo do empreendedorismo e inovação, bem como informar ao público externo (a sociedade) e ao público interno (a comunidade académica) a posição institucional quanto a este tão relevante tema. Para o estudo diagnóstico foram adotadas duas escalas: a primeira -Entrepreneurial Potential Indicator- que permitirá avaliar o potencial empreendedor do indivíduo e que já foi validada para o contexto português (FERREIRA et al., 2009); a segunda, construída pelos autores deste estudo, que permitirá avaliar as competências empreendedoras no quadro do ensino. Esta segunda escala construída a partir dos contributos de Martin Lackéus (2015).

Palavras-chave: competências; educação; empreendedorismo; ensino; inovação.

CIEM'19 9.ª Conferência Ibérica de Empreendedorismo

This is to certify that the paper:

**O perfil de empreendedorismo e competências empreendedoras dos
discentes da Universidade de Coimbra**

written by Cristina Albuquerque e André Ferreira It was accept to be
presented by the 9th Iberian Conference on Entrepreneurship, held in
University Portucalese, in Porto (Portuguese), 14th-15th November,
2019.

Issued in Porto on 31 October 2019

For the Conference Organization,



Carolina Rodrigues

CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Finalizando este relatório, este capítulo traz a conclusão desta investigação, apresentando conjuntamente as considerações finais a partir dos principais resultados alcançados e algumas recomendações que poderão constituir-se em trabalhos futuros, podendo contribuir na formalização de diversos processos organizacionais, dentre os quais o Ensino de Competências Empreendedoras e Estímulo a Inovação, tanto na Universidade de Coimbra, quanto futuramente, em uma Instituição de Ensino Superior brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que os resultados considerados se refiram ao pré-teste da pesquisa, apresentam-se as seguintes recomendações:

- Acredito que o tema Inovação precisa ser abordado com mais profundidade. Recomendo aprofundar a pesquisa no que diz respeito à identificação do perfil de adotante dos discentes, tendo por referência a Teoria de Difusão de Inovações, proposta por Everett Rogers para enquadrar os respondentes em um dos cinco perfis de reação individual diante de inovações (inovadores, primeiros adotantes, maioria inicial, maioria tardia, e retardatários);
- Identificar novos dispositivos ou mecanismos legais de suporte à inovação e ao empreendedorismo;
- Acredito que as instituições de ensino superior devem estimular a capacidade empreendedora não somente dos alunos, mas também dos professores, por isso recomendo ampliar o escopo da pesquisa abordando também o docente como sujeito de investigação. Nesta etapa os dados poderão ser coletados por entrevistas e/ou grupos focais;
- Como apenas a FDUC não foi representada no pré-teste, recomendo uma abordagem mais direta aos seus discentes (presencial), bem como solicitar o apoio dos seus docentes na divulgação da pesquisa;
- Dentre os 11 departamentos da FCTUC, apenas o Departamento de Matemática não foi representado no pré-teste. Recomendo uma ação similar à FDUC (acima citada);
- Identificar e classificar os grupos de pesquisa da IES, favorecendo as parcerias intra e extra-organizacionais.

TRABALHOS FUTUROS

Admite-se que o trabalho desenvolvido nos apresentou diversos momentos de euforia, inquietações e não tinha como propósito esgotar o tema, tampouco as possibilidades

de novas pesquisas. Após os primeiros contatos presenciais, identificamos que a realização de um estudo comparativo entre Instituições de Ensino Superior no Brasil e em Portugal, apresenta-se como uma possibilidade real e de grande relevância para ambos os países, necessitando, entretanto, de um tempo superior ao destinado para o pós-doutorado (01 ano).

Após a conclusão da pesquisa em Portugal, dar-se-á início à investigação em uma Instituição de Ensino Superior brasileira. Será adotado um plano de trabalho repetindo fielmente os mesmos passos da etapa portuguesa, que culminará com a obtenção de resultados que se constituirão como base para um conjunto de reflexões e aplicações muito pertinentes para o ensino e estímulo a competências empreendedoras, quer em Portugal, quer no Brasil.

REFERÊNCIAS

Alberti, F., Sciascia, S. & Poli, A. (2005). The domain of entrepreneurship education; key issues. *International Journal of Entrepreneurship Education*, 2 (4), 453-82.

Albuquerque, C. P., Ferreira, J. S., Brites, G. (2016). Educação holística para o empreendedorismo: uma estratégia de desenvolvimento integral, de cidadania e cooperação. *Revista Brasileira de Educação*, 21 (67), 1033-1056.

Aldianto, L., Rudito, B., Mirzanti, I.R., Situmorang, B., Larso, D. The Development of Center of Entrepreneurship and Business Incubator in Pangalengan, West Java – Indonesia. In *Technology Management for Global Economic Growth*. 2010. Acedido a 04 de dezembro de 2017, em <http://ieeexplore.ieee.org/stamp/stamp.jsp?arnumber=5602174>.

Ang, J., Pavri, F. (1994). "A survey and critique of the impacts of information technology". *International Journal Of Information Management* [Em linha]. Vol. 14, nº 2. Acedido a 7 de outubro de 2018, em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0268401294900310>. ISSN 0268-4012.

Baldry, C. (2011). "Editorial: chronicling the information revolution". *New Technology, Work And Employment* [Em linha]. Vol. 26, nº 3. Acedido a 7 de outubro de 2018, em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-005X.2011.00267.x>. ISSN 0268-1072.

Bridi, M. A., Braunert, M. B. (2015). O trabalho na indústria de software: a flexibilidade como padrão das formas de contratação. *Caderno CRH*, 28 (73), 199-213.

Brynjolfsson, E., McAfee, A. (2014). *The second machine age*. 1ª ed. New York: W. W. Norton & Company, Inc.. 320 p. ISBN 039-335-064-9.

Burgoyne, J. (1989). "Creating the Managerial Portfolio: Building on Competency-based Approaches to Management Development". *Journal of Management Education and Development*, vol. 20, pp- 56-61.

Castells, M. (1999) *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 698 p. ISBN 857-753-036-1.

Charney, A. & Libecap, G. (2000). *The Impact of Entrepreneurship Education: An Evaluation of the Berger Entrepreneurship Program at the University of Arizona, 1985-1999*. Arizona: University of Arizona.

Damon, W. & Lerner, R. (2008). *Entrepreneurship across the Life Span: A Developmental Analysis and Review of Key Findings*. Kansas City: Kauffman Foundation

Dees, J. G., Emerson, J. & Economy, P. (2001). *Enterprising nonprofits: A toolkit for social entrepreneurs*. New York: Wiley.

Denny, K. & Harmon, C. (2000). *The Impact of Education and Training on the Labour Market Experience of Young Adults*. IFS Working Paper, 00/08.

Dewey, J. (1959). *Como Pensamos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Doboli, S., Kamberova, G.L., Impagliazzo, J., FU, X., Currie, E.H. (2010). A Model of Entrepreneurship Education for Computer Science and Computer Engineering Students. In 38th Annual Frontiers in Education Conference. Acedido a 03 de dezembro de 2017, em <http://ieeexplore.ieee.org/stamp/stamp.jsp?arnumber=5673619>.

Drucker, P. (1959). Landmarks of tomorrow. 1ª ed. New York: Harper. 270 p. ISBN 156-000-622-6.

DUN & BRADSTREET. (2015). "O empreendedorismo em Portugal 2007/2014". Informa D&B, pp. 1-4.

Edwards, M., Sánchez-Ruiz, L. M., Tovar-Caro, E. & Ballester-Sarrias, E. (2009). Engineering Students Perceptions of Innovation and Entrepreneurship Competences, In 39th IEEE Frontiers in Education Conference. Acedido a 04 de novembro de 2018, em <http://ieeexplore.ieee.org/stamp/stamp.jsp?arnumber=5350873>.

Elkington, J. (2008). The Social Intrapreneur: A Field Guide for Change-Makers. London: Sustainability.

European Commission. (2010). New skills for new jobs. Action now: a report by the expert group on new skills for new jobs prepared for the European Commission. Acedido a 7 de outubro de 2018, em <http://ec.europa.eu/social/main.jsp?catId=822&langId=en>.

_____. (2003). Green Paper Entrepreneurship in Europe. Acedido a 7 de outubro de 2018, em http://ec.europa.eu/invest-in-research/pdf/download_en/entrepreneurship_europe.pdf.

EURYDICE (2012), Entrepreneurship, Education at School, National Strategies Curricula and Learning Outcomes, Bruxelas, disponível em: http://eacea.ec.europa.eu/education/eurydice/documents/thematic_reports/135EN.pdf

Fan, X., Qi, Y., Gao, F. Study on Modularized Synthetic Cultivation System of Technology Entrepreneurship Education. In IEEE International Conference on Emergency Management and Management Sciences (ICEMMS). 2010 Acedido a 6 de dezembro de 2018, em <http://ieeexplore.ieee.org/stamp/stamp.jsp?arnumber=5563513>.

Ferreira, A. L. L. (2016). Estilos de tomada de decisão na adoção de inovações tecnológicas: um estudo de caso no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Salvador: [S.n.]. Tese de Doutorado.

Ferreira, A., Fonseca, L. & Santos, L. (2009), "Serão os 'estudantes empreendedores' os empreendedores do futuro? O contributo das empresas juniores para o empreendedorismo", FEP Working Papers, N° 333. Acedido a 02 de novembro de 2018, em <https://ideas.repec.org/p/por/fepwps/333.html>.

Fry, C.C., Leman, G. (2007). International Technology Entrepreneurship: Immersion into Interdisciplinary Innovation (I5) in Shanghai. In 37th Annual Frontiers In Education Conference.

Garavan, T. & O'Kinneide, B. (1994). Entrepreneurship Education and Training Programmes: a review and evaluation – part 2. Journal of European Industrial Training, 18 (11), 13-21.

GEM 2016 – Global Entrepreneurship Monitor. (2016). Relatório Executivo - Empreendedorismo no Brasil 2016. Curitiba: IBPQ. Acedido a 02 de novembro de 2018, em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/GEM%20Nacional%20-%20web.pdf>.

Gil, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2008.

Greene, P., Rice, M. (2002). Entrepreneurship education. The international library of entrepreneurship. 1ª ed. London: EE. 543 p. ISBN 978-184-542-422-0.

Gross, W. I. An Approach to Teaching Entrepreneurship to Engineers, IEEE Engineering Management Society. 2000. Acedido a 02 de novembro de 2018, em <http://ieeexplore.ieee.org/stamp/stamp.jsp?arnumber=872582>.

Hoffmann, A., Larsen, L-B., Nellemann, P., & Michelsen, N. V. (2005). Quality Assessment of Entrepreneurship Indicators (FORA Report No. 14). Copenhagen, Ministry of Economics and Business Affairs' Division for Economic and Business Research. Acedido a 04 de novembro de 2018, em http://s3.amazonaws.com/zanran_storage/www.ebst.dk/ContentPages/47893843.pdf.

Huo, Z-g., Wu, Z-d. Cation of Students Innovative and Entrepreneurship of China Higher Engineering Colleges. In 18Th International Conference on Industrial Engineering and Engineering Management (IE&EM). 2011. Acedido a 03 de dezembro de 2017, em <http://ieeexplore.ieee.org/stamp/stamp.jsp?arnumber=6035542>.

Hytti, U. (2008). Enterprise education and different cultural settings and at different schools levels. In Fayolle, Alain; Kyro, Paula. The dynamics between Entrepreneurship, Environment and Education. European Research in Entrepreneurship (131-148). Cheltenham: Edward Elgar Publications.

Katz, J. (2003). The Chronology and Intellectual Trajectory of American Entrepreneurship Education, 1876– 1999. Journal of Business Venturing, 18, pp. 283-300.

Keen, A. (2015). The Internet is not the Answer (p. Kindle edition). London: Atlantic Books.

Koh, H. C. (1996). "Testing hypotheses of entrepreneurial characteristics: A study of Hong Konh MBA students", Journal of Managerial Psychology, Vol. 11, No. 3, pp. 12-25.

Lackéus, M. (2015). Entrepreneurship in Education: What, Why, When, How. Paris: OECD. Acedido a 02 de novembro de 2018, em http://www.oecd.org/cfe/leed/BGP_Entrepreneurship-in-Education.pdf.

Lepoutre, J., Berghe, W., Tilleuil, O. & Crijns, H. (2010). A new approach to testing the effects of entrepreneurship education among secondary school pupils. Working Paper Series 2010/01. Leuven: Vlerick Leuven Management School. Acedido a 04 de novembro de 2018, em <http://www.vlerick.com/en/12958-VLK/version/.../vlgms-wp-2010-01.pdf>.

Ling-Li, H., Jun, H. (2017). Improving Computing Undergraduates' Entrepreneurial Abilities. In 6th International Conference on Computer Science & Education. 2011. Acedido a 04 de dezembro de 2017 em <http://ieeexplore.ieee.org/stamp/stamp.jsp?arnumber=6028607>.

McMullan, W., Chrisman, J. & Vesper, K. (2001). Some problems in using subjective measures of effectiveness to evaluate entrepreneurial assistance programs. Entrepreneurship Theory and Practice, 26 (1), 37-54.

Miller, T., K., Walsh, S., J., Hollar, S., Rideout, E., C., Pittman, B., C. Engineering and Innovation: An Immersive Start-up Experience. IEEE Computer Society. 2011. Acedido a 04 de dezembro de 2017 em <http://ieeexplore.ieee.org/stamp/stamp.jsp?arnumber=5708121>.

Mitchelmore, S., Rowley, J. (2010). Entrepreneurial competencies: A literature review and development agenda. International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research, 16 (2), 92-111.

Murray, R., Caulier-Grice, J., Mulgan, G. (2010). *The Open Book on Social Innovation*. Acedido a 02 de novembro de 2018, em <https://apo.org.au/node/27387>.

Nicholls, A. (2006). *Social entrepreneurship. New models of sustainable social change*. Oxford: Oxford University Press.

Nolan, P. (2002) *The ESRC Future of Work Programme*. *New Tech Work Empl*, 150-151. Acedido a 2 de novembro de 2018, em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1468-005X.00100/epdf>.

OCDE. (2005) *Manual de Oslo: Proposta de Diretrizes para Coleta e Interpretação de Dados sobre Inovação Tecnológica*. 3 ed. Acedido a 02 de novembro de 2018, em <http://www.uesc.br/nucleos/nit/manualoslo.pdf>.

Oliveira, D.; Pires, A.; Martins, A. (2017). Fronteiras Indistintas: espaço e tempo no trabalho de Tecnologia da informação, *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, n 46, p.159-180. Acedido a 02 de novembro de 2018, em <http://educacaopocos.com.br/Anais/Anais2019/168.%20UMA%20REFLEX%C3%83O%20SOBRE%20O%20TELETRABALHO.pdf>.

Parkinson, M. (2019). *The traits of highly successful entrepreneurs*. Acedido a 05 de fevereiro de 2019, em <http://www.markparkinson.co.uk/mindofentrepreneur.pdf>.

Pereira, M., Ferreira, J., & Figueiredo, I. (2007). *Promoção do Empreendedorismo nas Escolas. Guia para Escolas do Ensino Básico e Secundário*. Lisboa: Ministério da Educação - Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. Acedido em 05 de fevereiro de 2019, em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/guiao_pdf.pdf

Peterman, N. & Kennedy, J. (2003). *Enterprise education: Influencing students' perceptions of entrepreneurship*. *Entrepreneurship - Theory and Practice*, 28(2): 129-144.

Schött, T., Kew, P. & Cheraghi, M. (2015). *Future Potential: A GEM Perspective on Youth Entrepreneur 2015, GEM 2015 Global Report*. Acedido a 02 de novembro de 2018, em <https://youtheconomicopportunities.org/resource/2744/future-potential-gem-perspective-youth-entrepreneurship>.

Schumpeter, J. A. (1982). *A Teoria do Desenvolvimento Econômico: uma investigação sobre lucro, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. Rio de Janeiro: Nova Cultural.

Stevens, K., K., Vanepps, T., Schlossberg, S., M., Agarwal, A., Hamza-Lup, G., L. *Innovation Leadership Honors Program: Addressing Engineering Education Needs through Curriculum Enhancement*. In 39th Annual Frontiers in Education Conference. 2009. Acedido a 02 de novembro de 2018, em <http://ieeexplore.ieee.org/stamp/stamp.jsp?arnumber=5350656>.

Toffler, A. (1980). *The Third Wave*. New York: Morrow.

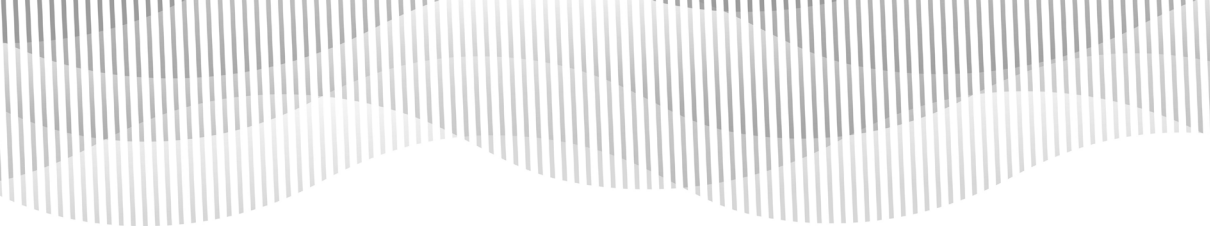
Vale, G. M. V. (2007). *Territórios vitoriosos: o papel das redes organizacionais*. Rio de Janeiro: Garamond.

_____. (2006). *Laços como ativos territoriais: análise das aglomerações produtivas na perspectiva do capital social* (Unpublished doctoral dissertation). Universidade Federal de Lavras, Lavras.

Vassiliou, A. (2014). European Commission. The Commissioners (2010-2014). Acedido a 02 de novembro de 2018, em http://ec.europa.eu/archives/commission_2010-2014/vassiliou/index_en.htm e http://europa.eu/rapid/press-release_IP-12-1224_pt.htm.

Yun, Z., Xiuzhen, L. (2011). Research on Enterprise Education in Chinese Higher Educational Institutions. In International Conference on E-Business and EGovernment (ICEE). Acedido a 02 de novembro de 2018, em <http://ieeexplore.ieee.org/stamp/stamp.jsp?arnumber=5882188>. Acesso em: 03 dez. 2017.

ANDRÉ LUIZ LEITE FERREIRA - Cristão, pai, esposo, filho, cientista da computação, doutor em Difusão do Conhecimento, com pós-doutorado realizado na Universidade de Coimbra e professor do Departamento de Computação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia.



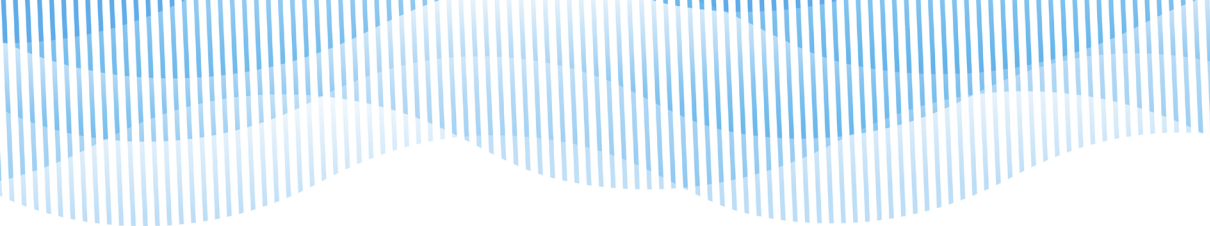
O ensino de COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS E DE ESTÍMULO À INOVAÇÃO no ensino superior

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



O ensino de COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS E DE ESTÍMULO À INOVAÇÃO no ensino superior

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br